

A MENSAGEM

*História do Adventismo
e sua Chegada ao Brasil*

Dedicatória:

a Prancheta e Lucinda, meus pais

Em memória também aos meus

Michelson Borges

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	3
CAP. 1 - O Grande Despertamento.....	6
CAP. 2 - O Pai do Adventismo.....	8
CAP. 3 - A Missão.....	12
CAP. 4 - Nasce a Igreja.....	17
CAP. 5 - O Avanço da Mensagem.....	23
CAP. 6 - Preparando o Berço.....	28
CAP. 7 - Em Terras Tupiniquins.....	33
CAP. 8 - Recebendo a Mensagem.....	35
CAP. 9 - Como Folhas de Outono.....	38
CAP. 10 - Os primeiros Conversos.....	40
CAP. 11 - O Dia do Senhor.....	45
CAP. 12 - Um Exemplo de Fé.....	50
CAP. 13 - A Passos Largos.....	53
EPILOGO.....	61

Dedicatória:

*A Francisco e Enedina, meus pais;
à Michela e Emanuela, minhas irmãs;
à Débora, meu amor;
e a Jesus, meu melhor Amigo e Salvador.*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO.....	3
CAP. 1 - O Grande Desapontamento.....	6
CAP. 2 - O Pai do Adventismo.....	8
CAP. 3 - A Missão.....	12
CAP. 4 - Nasce a Igreja.....	17
CAP. 5 - O Avanço da Mensagem.....	23
CAP. 6 - Preparando o Berço.....	28
CAP. 7 - Em Terras Tupiniquins.....	33
CAP. 8 - Recebendo a Mensagem.....	35
CAP. 9 - Como Folhas de Outono.....	38
CAP. 10 - Os primeiros Conversos.....	40
CAP. 11 - O Dia do Senhor.....	45
CAP. 12 - Um Exemplo de Fé.....	50
CAP. 13 - A Passos Largos.....	53
EPIÍLOGO.....	61

trabalhar de a compilar e a publicação dos registros sobre o adventismo no mundo. Em seguida preparei o material a ser usado no processo de colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim, Santa Catarina, Brasil. Para isso tive de passar bom tempo em pesquisas sobre a história da Igreja Adventista Histórica do Vale do Itajaí-Mirim, em Brusque.

Como os registros sobre a chegada do adventismo ao Brasil passaram-se há muito tempo, procurei, ao longo do tempo, reunir o material de fontes pessoais e de arquivos públicos nas universidades e em departamentos pioneiros de pesquisa sobre o adventismo e sobre textos antigos publicados em revistas denominadas assim.

Para isso, procurei, ao longo do tempo, e recuperando situações inspiradoras, fazer a pesquisa de fontes pessoais e arquivos. Conheci a casa onde nasceu o armazém de livros e o depósito de livros e o depósito de literatura adventista, o que me deu acesso a fontes pessoais e a primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, em Brusque, Santa Catarina, o púlpito de onde foram produzidos os primeiros registros sobre o adventismo no Brasil, o destino dos estudantes da primeira Escola Bíblica Adventista em Brusque, o "Comitê da Esperança", onde estiveram produzidos os primeiros registros sobre o adventismo no Brasil.

INTRODUÇÃO

"Pouco se sabe no Brasil, nos meios adventistas, sobre a disseminação da mensagem entre nosso povo. Pouco ou quase nada um membro da Igreja pode relatar sobre a época em que a triplice mensagem* raiou no Brasil, através do porto de Itajaí, em Santa Catarina. A triste realidade é que a Igreja não teve meios para conservar sua memória histórica..." (Ivan Schmidt, *José Amador dos Reis - Pastor e Pioneiro*, pág.9).

Enquanto pensava no tipo de projeto final que ~~eu~~ deveria fazer para alcançar o grau de bacharel em Jornalismo, concluindo assim os quatro anos de faculdade na Universidade Federal de Santa Catarina, deparei-me com o texto ~~citado~~ acima. "E por que não?" -disse para mim mesmo- "Por que não fazer uma reportagem sobre o início da Obra da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil?"

Naquele momento escolhi meu projeto. ~~Os~~ seis meses seguintes dediquei ~~eu~~ à pesquisa sobre pessoas e fatos que fizeram história no meio adventista mas que, infelizmente, em boa parte foram esquecidos.

Nos primeiros capítulos deste trabalho, fiz a compilação e condensação dos registros sobre a história da Igreja Adventista no mundo. Em seguida, procurei contextualizar a chegada da Mensagem no processo da colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim -berço do adventismo no Brasil. Para isso tive de gastar bom tempo em pesquisas sobre o assunto, principalmente no Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim, em Brusque.

Como os fatos relatados (referentes à chegada do adventismo ao Brasil) passaram-se há mais de um século e, como já disse, poucos são os registros sobre eles, tive de contar principalmente com informações obtidas nas entrevistas com ~~os~~ parentes dos pioneiros -a maioria netos e bisnetos- e ~~com~~ raros artigos publicados em revistas denominacionais.

Passei horas agradáveis entrevistando pessoas e rememorando situações inspiradoras. Tive o prazer de caminhar por lugares históricos. Conheci a casa onde ficava o armazém de Davi Hort, local onde foi aberto o primeiro pacote de literatura adventista; o rio onde foram batizados os primeiros conversos; a primeira Igreja Advetista do Sétimo Dia no Brasil, no bucólico vale de Gaspar Alto; o púlpito de onde foram pregados os primeiros sermões no pequeno templo; a casa-dormitório dos estudantes da primeira Escola Missionária Adventista do Brasil e o "Cemitério da Esperança", onde estão sepultados os pioneiros do Movimento.

Coletadas as informações, a questão agora era: como escrever sobre tudo isto? Que estilo usar? Um texto bíblico do profeta Habacuque me deu a idéia. Ele, que viveu cerca de 600 anos antes de Cristo, conhecia as técnicas modernas de escrever melhor do que muitas pessoas, hoje:

"Vou subir a minha torre de vigia e vou esperar com atenção o que Deus vai dizer e como vai responder à minha queixa. E o Deus Eterno disse: 'Escreva em tábuas a visão que você vai ter, escreva com clareza o que vou lhe mostrar, para que possa ser lido com facilidade'" (Habacuque 2:1-2). à /

O profeta ~~se~~ colocou ~~num~~ ponto estratégico: na torre de vigia. Um local onde, ao mesmo tempo em que se mantinha próximo a Deus, podia observar o que acontecia ao seu redor, o que falava o povo, quais as tendências sociais da época, para onde ia o rei... 4 / u-se eu /

"Para que possa ser lido com facilidade". "Prender" o leitor o tempo suficiente para ler nossa mensagem é realmente um desafio. Era no tempo de Habacuque e é muito mais em nosso mundo agitado. Por isso, o escritor deve mobilizar recursos que envolvam o leitor e o façam prosseguir na leitura.

Como o simples relato cronológico dos eventos seria monótono, utilizei recursos próprios da literatura, como reconstituição de cenas e diálogos. Afinal, "em termos modernos, a literatura e o jornalismo são vasos comunicantes, são formas diferentes de um mesmo processo", diz o crítico Boris Schnaiderman, citado no livro *Páginas Ampliadas - O Livro Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura*, pág. 139.

No mesmo livro, ~~a~~ página 142, ~~o autor~~ Edvaldo Pereira Lima, jornalista, escritor e pesquisador, diz que "os norte-americanos aplicam o termo *jornalismo literário* para designar a narrativa jornalística que emprega recursos literários. Os espanhóis a denominam de *periodismo informativo de creación*. Esse emprego é necessário porque, para alcançar poder de mobilização do leitor e de retenção da leitura por sua parte, a narrativa de profundidade deve possuir qualidade literária". na / o autor /

Apesar de o público alvo deste trabalho serem os membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, pensei também nos possíveis leitores não-adventistas. Assim, encontramos Guilherme Miller "explicando" profecias bíblicas a um grupo de homens; um casal de alemães em Brusque "lendo" sobre a segunda vinda de Cristo; Roberto Fuckner "demonstrando" à esposa o porquê de ~~ter se~~ decidido pela observância do quarto mandamento -o sábado- como dia sagrado. ter-se /

Embora tenha procurado ser imparcial ao narrar os eventos -como deve procurar fazer todo jornalista-, admito que exalto com apaixonado entusiasmo a obra e os feitos realizados pelos pioneiros do Movimento Adventista. O leitor saberá compreender que o livro foi escrito por alguém que pertence ao movimento e defende sua filosofia e, por isso mesmo, não pretende divorciar-se de seus valores para atingir uma impossível perspectiva neutra.

Finalmente, os agradecimentos. Seria impossível mencionar todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para que este trabalho fosse desenvolvido. Mesmo assim, não poderia deixar de agradecer a Augusto Alfredo Fuckner, Hilza Fuckner, Clara B. Hort, Henrique Carlos Kaercher e Herta Hort Kaercher, Marta Hort Rocha e Diomar Donato da Rocha, Eliseu Calson e Iria Calson (bondoso casal que me hospedou enquanto coletava dados em Gaspar Alto), Arnoldo Schirmer e Edith Belz Schirmer, Helmut Schirmer, Otto Kuchenbecker (responsável pelo Museu Histórico do

Vale do Itajaí-Mirim, que me concedeu acesso aos arquivos do museu), Olinda Hort Schmitt, Pastor Ivo Pieper (distrital de Jaraguá do Sul) e, finalmente, ao Pastor José M. de Miranda e sua esposa Rosemarie, por todo auxílio prestado na obtenção de informações na região de Brusque. Agradeço, também, à professora e jornalista Neila Bianchin pelo acompanhamento e orientação na elaboração deste trabalho e ao professor e jornalista Nilson Lage pela copidescação do texto.

Este livro não é um apanhado de biografias. É antes a "biografia" de uma Mensagem que transpõe barreiras étnicas e geográficas; atravessa o tempo e alcança pessoas de diversas idades e culturas. Uma Mensagem de esperança que tem o poder de transformar vidas, mudar corações.

Meu sincero desejo é que este livro possa ser uma justa homenagem aos homens e mulheres que dedicaram suas vidas ao estabelecimento da Obra Adventista no Brasil. Ao mesmo tempo, espero alcançar uma classe muito especial da Igreja: os jovens. Que esta leitura possa inspirá-los com o exemplo dos bravos pioneiros que não mediram esforços ao lutar por aquilo em que acreditavam.

O autor.
Florianópolis, dezembro de 1995.

(*) Referência a Apocalipse capítulo 14, versículos 6 a 10.

CAPÍTULO 1

O GRANDE DESAPONTAMENTO

Vinte e dois de outubro de outubro de 1844. À medida que os ponteiros do relógio se aproximam das 24 horas, corações ansiosos aceleram. "Deve ser à meia-noite... só pode ser!" Durante 14 anos Guilherme Miller pregara sua mensagem. Aproximadamente 50 mil pessoas em todo os Estados Unidos aceitaram-na. O dia tão esperado chegara. Não havia dúvidas. As últimas horas haviam sido gastas em fervorosa oração e reestudo da Bíblia, para confirmação das datas anunciadas na profecia. O dia era este, sem dúvida. O dia tão esperado; o dia da segunda vinda de Jesus Cristo.

Dentre as pessoas que se uniram ao movimento Milerita, estava o pastor congregacionalista Carlos Fitch. Fitch, de trinta anos, também concordava com a mensagem de que Jesus voltaria no dia 22 de outubro, depois de ter estudado minuciosamente as profecias de Daniel e Apocalipse. Tornou-se, então, um importante anunciador do advento e o primeiro ministro milerita.

Poucos dias antes de 22 de outubro de 1844, Fitch batizou três grupos sucessivos de conversos em um rio. A cerimônia, ao ar livre, num dia frio, fez com que Fitch adoecesse. Faleceu na segunda-feira, 14 de outubro, vítima de tuberculose.

- Mamãe, nós veremos papai novamente? -perguntam os dois filhos do pastor, em meio às lágrimas, após o funeral.

- Sim, queridos. -responde corajosamente a Sra. Fitch- Em poucos dias, quando Jesus voltar, Ele despertará papai e seus irmãos adormecidos também, e então seremos uma família completa e feliz outra vez, para sempre!

Os dias transcorrem cheios de expectativa. Na noite de segunda-feira, 21 de outubro, as crianças tornam a perguntar:

-Mamãe, amanhã vamos nos encontrar com papai?

-Sim, queridos! -diz ela olhando esperançosamente para o céu.

Havia muitas famílias como essa naqueles dias. Gente esperando rever os filhos que tinham morrido de tuberculose, cólera, tosse comprida e outras doenças fatais. Milhares antecipando uma alegre reunião quando Jesus viesse novamente. Assim também era com a família de July e Robert.

Os dois irmãos acordaram cedo naquela manhã do dia 22. O sol despontava timidamente no horizonte. Do andar de baixo de sua casa, as duas crianças podiam ouvir vozes alegres a comentar assuntos da Bíblia, coisas que elas pouco compreendiam. "Juízo final", "as duas mil e trezentas tardes e manhãs da profecia de Daniel", "o milênio apocalíptico", "a Nova Terra"... Tudo estava envolto num ar de mistério. Mas havia algo que compreendiam bem e as enchia de alegria: Cristo estava voltando e elas,

seus pais e seus amiguinhos iriam para um lugar maravilhoso, sem morte, guerras, fome, nem dor.

- O que você vai fazer primeiro, quando formos para o Céu? - pergunta July, enquanto descem a escadaria da velha casa.

- Vou escorregar no pescoço de uma girafa! - responde Robert, sorridente, enquanto desliza sua pequena mão sobre o corrimão de madeira.

- Eu, não. Vou correr e abraçar Jesus. Ele deve ser bem bonito e bonzinho... - diz July, com toda inocência de seus seis anos.

- Ah, eu também vou! Papai disse que Jesus é amigo das crianças e que, no Céu, poderemos sentar no colo d'Ele e ouvir lindas histórias.

Logo após o desjejum, os dois irmãos tomaram banho de tina, colocaram suas melhores roupas e se uniram aos seus pais, na sala, para orar e cantar. Cada vez que se ajoelhavam, pensavam que poderia ser a última oração. A expectativa crescia e a ansiedade tomava conta de seus corações.

A manhã passou. Depois a tarde. O anoitecer. Não resistindo ao sono, July e Robert adormeceram, mas não sem antes fazer seus pais garantirem que os acordariam quando Jesus aparecesse nas nuvens. "Fiquem tranquilas, crianças" - disse a mãe, acariciando-as e olhando através da janela para o céu estrelado de outono. - "Deve ser à meia-noite..."

Na pequena vila de Washington, no Estado de New Hampshire, havia uma igreja branca. Pertencia à Sociedade Cristã, cujos membros aceitaram a pregação de Guilherme Miller e outros homens sobre a volta de Cristo.

Em Low Hampton, no Estado de Nova Iorque, Miller, sua família e muitos amigos, reuniram-se numa formação rochosa, nos fundos de sua casa, para esperar Jesus.

"Deve ser à meia-noite... Só pode ser!" Faltam apenas minutos para as 24 horas. Segundos, agora. Ao soarem as doze badaladas no relógio da cozinha, todos os olhares se voltam para o céu, aguardando o "sinal do Filho do homem" e... nada! Não é possível! O que aconteceu? Lágrimas começaram a rolar pela face de milhares de pessoas. Vinte e dois de outubro havia terminado. Jesus não viera.

Da varanda de sua casa a Sra. Fitch ainda olha para o céu. A lua ilumina-lhe os olhos cheios d'água. Quase não nota uma pequena mão tocar a sua:

- Mamãe, porque papai não veio?

"O Sol ergueu-se no oriente, 'como um noivo que sai de seus aposentos'. Mas o Noivo não apareceu.

Permaneceu no meridiano, quente e comunicador de vida, 'trazendo salvação nas suas asas'. Mas o Sol da Justiça não apareceu.

Escondeu-se no ocidente, flamejante, cruel, 'terrível como um exército com bandeiras'. Aquele que Se assenta sobre o cavalo branco não retornou como o líder das hostes celestiais.

As sombras do ocaso estendiam-se serena e friamente por sobre a terra. As horas da noite passavam vagarosamente. Em desconsolados lares de mileritas, os relógios assinalaram doze horas da meia-noite. Vinte e dois de outubro havia terminado. Jesus não viera. Ele não voltara!" (História do Adventismo, pág. 34).

CAPÍTULO 2

O PAI DO ADVENTISMO

Ele jamais poderia imaginar o que o futuro lhe reservava. Como poderia um ex-militar deista tornar-se a figura mais importante de um dos maiores movimentos religiosos do mundo?

Guilherme Miller -considerado o pai do adventismo- nasceu em Pittsfield, Massachusetts, em 15 de fevereiro de 1782. O pai, soldado da Guerra Revolucionária Americana, casou-se no fim dessa luta, e estabeleceu seu lar na parte ocidental de Massachusetts. Quando Guilherme tinha quatro anos, a família mudou-se para o pequeno distrito de Low Hampton, ao norte do Estado de Nova Iorque. A mãe de Guilherme, Paulina Phelps, era filha de um pastor batista em Vermont. Graças a ela, o lar dos Miller mantinha uma tradição religiosa.

A vida do jovem Guilherme reflete o período inicial da história norte-americana. Era o mais velho de 16 crianças e “sua era a história clássica de pobreza, zelo fora do comum de aprender a ler e a necessidade de diligência no cultivo da terra para sobreviver”.¹

Era uma vida rústica. Mesmo o jovem Guilherme tinha de ajudar na roça. A educação era limitada a três meses no inverno, após a colheita. Miller freqüentou a escola dos nove aos 14 anos. Durante os longos meses de inverno sua mãe ensinava-o a ler. Tornou-se leitor ávido, sedento de conhecimento. Mas os únicos livros à sua disposição eram a Bíblia, um hinário e o livro de orações. Logo saiu da escola, mas continuou a aprender sozinho em livros emprestados. Tornou-se, assim, estudante interessado em História, e acumulou grande soma de conhecimentos.

Os pais de Guilherme esforçavam-se muito para comprar a fazenda na qual viviam como arrendatários. Toda economia era pouca. Como velas eram artigo de luxo na época, Miller descobriu que nós de pinho proporcionavam boa luz para leitura. Escolheu madeira resinosa, rachou lascas e as guardou para serem usadas durante as longas noites de inverno.

O pai discordava da atitude do filho, pois achava que a leitura até altas horas da noite prejudicaria seu desempenho no campo. Ordenou que Guilherme fosse dormir à mesma hora que o resto da família, mas o jovem Miller esperava até que todos estivessem dormindo e ia, furtivamente, até a lareira. Atirava uma lasca de pinho resinoso nas brasas e, deitado-se de bruços, passava horas da noite mergulhado na leitura. Lia até terminar o livro ou quanto o cansaço lhe permitia. Depois, voltava sutilmente para cama.

Certa noite, já bem tarde, seu pai acordou e viu a luz bruxuleante. Pensou que a casa se incendiaria; quando percebeu que era Guilherme, com um chicote, perseguiu o filho desobediente.

Ao melhorarem as condições da família, a casa de toras foi substituída por um edifício confortável de madeira, no qual Guilherme tinha um quarto todo seu. Agora podia ler qualquer livro que conseguisse, e com todo o luxo a luz de velas. Destacou-se na vizinhança como jovem inteligente e hábil na escrita. Era muitas vezes chamado para compor versos, escrever cartas, executar desenhos caligráficos.

Em junho de 1803 casou-se com Lucy Smith, que morava do outro lado da linha divisória do Estado, em Vermont, cerca de dez quilômetros da casa de seus pais. O casal foi morar perto de Poultney, onde Miller pôde satisfazer seu gosto por leitura na biblioteca pública do local. Ali, teve a satisfação de entrar em contato com muitos bons livros e fazer amizade com alguns dos homens mais bem educados e informados da comunidade. Estes novos companheiros lhe recomendaram os escritos de David Hume, Voltaire e Thomas Paine. Miller acabou tornando-se um deísta. Passou a crer que Deus criou o mundo e o pôs em marcha sob leis inalteráveis de causa e efeito. Em harmonia com tais leis, os homens deveriam viver de forma pura, bondosa e honesta; mas crer na oração, num Salvador ou na vida após a morte era, para ele, uma superstição infantil. Milagres, perdão e ressurreição requeriam que Deus agisse de modo contrário às Suas próprias leis naturais e isto era inimaginável. Deus havia disposto o mundo como alguém que dá corda a um relógio, deixando-o funcionando por si mesmo.

Não o cristianismo, mas um *americanismo* decente e subordinado à lei e à ordem, produziria o melhor no homem, concluiu Miller. Sua casa tornou-se um local de reuniões regulares dos patrióticos mas irreligiosos casais de sua nova comunidade. Sua velha Bíblia foi jogada fora, e passou a ser considerada apenas uma obra forjada por homens.

Em sua antiga Hampton, a mãe de Miller ouviu sobre o que estava acontecendo em Poultney e ficou profundamente preocupada. Pediu ao cunhado e ao velho pai, pastor batista, para visitarem Guilherme de vez em quando, enquanto ela em casa orava por eles. Guilherme recebia alegremente o vovô Phelps e o tio Eliú, mas depois da partida dos dois, imitava-os comicamente, divertindo os amigos.

Guilherme Miller era dono de personalidade atrativa, e alcançou o reconhecimento de seus méritos. Serviu como oficial de justiça, juiz de paz e xerife comissionado. Mas, convencido de que o amor pelo país, antes que o amor por Cristo, era a grande esperança da humanidade, Miller apresentou-se como voluntário para servir na Guerra de 1812. Quarenta e sete outros também se apresentaram, com a condição de que servissem diretamente sob o comando de Miller.

Na manhã de 11 de setembro de 1814, os britânicos contavam com uma força terrestre de 15 mil regulares e uma pequena mas bem equipada marinha no lago Champlain. Os americanos totalizavam somente cinco mil, sombriamente certos da derrota. Entretanto, o resultado desta Batalha de Plattsburg foi uma grande surpresa.

A guerra terminou em 1815, e os Estados Unidos venceram. "O capitão Guilherme Miller havia demonstrado sua aptidão para liderança anos antes de fundar involuntariamente um movimento religioso".²

Com a morte do pai, Miller e sua esposa voltaram para Low Hampton, a fim de cuidar da mãe viúva. Segundo o escritor adventista Everett Dick, as angústias e incerte-

zas geradas pela guerra levaram-no a repensar suas idéias sobre Deus e a religião. Convenceu-se de que, com seu deísmo, a esperança de uma vida futura se tornava nebulosa e incerta. Agitou-se em grande conflito espiritual. Desse período, diz Miller: "Os céus pareciam de chumbo sobre minha cabeça, e a terra como que de ferro, sob meus pés. Eternidade! Que era isso? E a morte, por que existia?" Quanto mais pensava, tanto mais difusas eram minhas conclusões. Procurei deixar de pensar, mas meus pensamentos não podiam ser controlados. Eu me sentia miserável, mas não compreendia a causa. Murmurava e me queixava, mas não sabia contra quem. Sabia que havia erro, mas não sabia como ou onde encontrar o certo".³

Miller, como muitos em seus dias, estava interessado em reformas sociais. Envolheu-se com o ideal de uma vida mais saudável e mais justa. Willian Garrison (1805-1879), jornalista norte-americano, famoso por sua denúncia da escravidão, descreveu Miller como um amigo sincero da causa da saúde, da abolição, da reforma moral e da paz. Mas, mesmo assim, suas inquietações continuavam.

CAPÍTULO 3

A MISSÃO

O tio de Guilherme Miller -Eliú Miller- era pastor da Igreja Batista de Low Hampton. Por cortesia, Miller freqüentava a igreja sempre que seu tio apresentava o sermão. Em outras ocasiões, mantinha-se à distância.

- Não o vimos no culto do último domingo -diz sua mãe ternamente.
- Não espere ver-me lá quando o tio está fora, mamãe.
- Por que não, meu filho?
- Não aprecio a forma como os diáconos lêem o sermão.
- Eles fazem o melhor que podem, estou certa.
- Quando o tio está fora, por que não me deixam lê-lo?

"E assim Miller inadvertidamente preparou uma armadilha para si próprio, e os bons irmãos dos quais se havia rido tão inadvertidamente providenciaram para que ele caísse nela. Os sermões que lhe designaram ler eram da obra de Alexander Proudftie, *Practical Discourses*, e serviram para moderá-lo".¹ Suas dúvidas sobre o deísmo se aprofundavam.

Em 11 de setembro de 1816, Miller e amigos programaram um sermão e um baile em comemoração ao segundo aniversário da Batalha de Plattsburg. O evangelista visitante fez com que as pessoas voltassem para casa emocionadas. Um reavivamento iniciou-se e o baile foi suspenso.

"Ao voltar [Guilherme], a Sra. Miller que havia ficado em casa observou uma maravilhosa mudança em seu comportamento. Sua hilaridade foi-se, e todos estavam pensativos, sem disposição para conversar, em resposta às perguntas quanto à reunião e ao baile... Naquela vizinhança, reuniões de oração e louvor substituíram a brincadeira e o baile".²

No domingo seguinte, Miller leu outro sermão intitulado "O Dever dos Pais para com seus Filhos". Emocionado, não conseguiu terminá-lo e assentou-se. "De súbito" -disse ele- "foi-me o espírito vividamente impressionado com o caráter do Salvador... Fui constrangido a admitir que as Escrituras devem ser uma revelação vinda de Deus. Elas se tornaram o meu deleite; e em Jesus encontrei um Amigo. O Salvador tornou-se para mim o primeiro entre dez mil; e as Escrituras, que a princípio eram obscuras e contraditórias, tornaram-se agora uma lâmpada para os meus pés e uma luz para o meu caminho. ...Tornou-se a Bíblia, agora, meu principal estudo, e posso verdadeiramente dizer que a examinei com grande satisfação. ...Admirei-me de não ter

visto antes sua beleza e glória, e maravilhei-me de a ter sempre rejeitado. ...Perdi todo o gosto por outra leitura, e apliquei o coração à sabedoria de Deus".³

Com a conversão de Miller, seus antigos "amigos" deístas passaram a ridicularizá-lo como ele mesmo fazia, outrora, com os cristãos. "Como você sabe que a Bíblia é a Palavra de Deus?" -perguntavam-lhe zombeteiramente. "Que diz de suas contradições?". "Se a Bíblia é a Palavra de Deus" -respondia Miller firmemente- "então tudo quanto contém pode ser compreendido, e todas as suas partes se harmonizarão. Dêem-me tempo e harmonizarei suas aparentes contradições ou continuarei deísta".

Deixando de lado todos os livros dos eruditos da época, exceto a própria Bíblia e a Concordância Bíblica de Cruden, começou pelo primeiro verso de Gênesis, capítulo 1. Quando surgia algum texto mais complicado, Miller interrompia a leitura até entendê-lo. Ficou satisfeito ao perceber que a Bíblia se interpretava a si própria. E, uma a uma, a maior parte de suas aparentemente insolúveis contradições desapareceram. Mas algo o deixou intrigado.

Dois anos de intensa e excitante investigação levaram Miller a concluir o que outros homens como Manuel Lacunza, anos antes, concluíram: Cristo estava voltando! Lacunza era um padre Jesuíta chileno que, em 1768, fora expulso do Chile juntamente com outros jesuítas, por Carlos II, monarca espanhol. Depois de meses viajando em navios desconfortáveis, Lacunza e seus companheiros foram jogados na cidade de Ímola, perto de Bolonha, Itália. Ali permaneceram até 1799, quando a coroa espanhola suspendeu as restrições contra os jesuítas e permitiu que eles retornassem às suas terras de origem.

Os anos de exílio em Ímola, Lacunza devotou-os à reflexão e à escrita. E foi justamente neste tempo que ele deu sua grande contribuição para o mundo cristão com o livro *A Vinda do Messias em Glória e Majestade*. O próprio Lacunza oferece três razões para ter escrito o livro. Primeiro para estimular os sacerdotes a sacudirem o pó de suas bíblias; segundo, para chamar a atenção daqueles que estavam correndo para o "abismo da incredulidade por falta de conhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo"; e, terceiro, para ajudar os judeus, provendo-lhes um "pleno conhecimento do Messias deles".⁴ A ele é atribuída a declaração: "Este livro foi mais resultado dos joelhos do que da cabeça".⁵

Assim como Guilherme Miller anos mais tarde, Manuel Lacunza descobriu que "Jesus Cristo retornará do Céu à Terra quando o tempo se cumprir, no tempo apropriado e no momento que o Pai colocou sob o Seu poder. Ele virá acompanhado dos anjos, mas também dos santos anteriormente ressuscitados".⁶ Os primeiros a verem o trabalho e a reagirem foram seus colegas sacerdotes católicos. Alguns o aplaudiram, outros denunciaram tanto o conteúdo como a metodologia da obra.

A reação oficial da Igreja Católica, entretanto, surgiu em 1819, oito anos depois que a primeira edição em espanhol foi impressa em Cádiz, em 1811. Em 15 de janeiro, o Tribunal do Santo Ofício, em Madri, determinou que o livro fosse retirado de circulação. Posteriormente, em setembro de 1824, a obra de Lacunza foi incluída pelo Papa Leão XII no índice dos livros proibidos, com a anotação "em qualquer língua". Mas foi em vão.

Através de várias traduções nas principais línguas européias, o livro de Lacunza foi amplamente lido e discutido. Edward Irving, propagador presbiteriano popular, publicou em 1827 uma versão em inglês, com o título *The Coming of the Messiah*,

tornando-se a segunda tradução em inglês, depois da de Ackerman, em Londres, no ano de 1826.

Félix Alfredo Vaucher diz que os olhos de Irving “foram abertos para a gloriosa vinda pré-milenial de Cristo, da qual ele se tornou um ardoroso aderente. Ele começou a traduzir Ben-Ezra (pseudônimo adotado por Lacunza) e então a escrever numerosas obras sobre o mesmo tópico. Durante algum tempo, estas obras produziram na Europa a mesma ressonância que Miller obteve anos mais tarde em seu país”.⁷

Para Miller, assim como para Lacunza, a notícia era boa demais: seu amável Amigo e Salvador prometera voltar à Terra. Miller descobrira que muitas outras promessas proféticas haviam sido cumpridas; então, por que não esta? Um dia, então, deparou-se com o texto que haveria de marcá-lo para o resto da vida: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (Daniel 8:14).

No tempo de Miller, pensava-se que o santuário era a Terra, e ele entendeu que a purificação do santuário significava a purificação da Terra pelo fogo, como fora purificada pela água nos dias de Noé.

Seu estudo intensificou-se de modo impressionante. Às vezes, durando todo o dia, às vezes toda a noite. Empregando Ezequiel, capítulo quatro, versículos seis e sete, e outros textos bíblicos, ele concluiu que os 2300 dias proféticos equivaliam a 2300 anos. Bastava descobrir, então, quando começavam os 2300 anos, e chegaria à data da “purificação do santuário”.

Miller descobriu que a profecia iniciara no ano 457 antes de Cristo, com a saída do decreto de Artaxerxes para reedificar Jerusalém. Com um simples cálculo, chegou à conclusão de que o período terminaria em 1843 (2300 anos após 457 a.C.), e que “em cerca de vinte e cinco anos... todas as atividades do nosso estado presente serão encerradas”.

O fim dentro de vinte e cinco anos?! Então era seu dever advertir os outros deste fato. Miller lutou por cinco anos contra esta convicção. Temia “que por alguma possibilidade pudesse estar em erro e viesse a confundir alguém”. Além do mais, o temor de falar em público o assaltava. “Eu dizia que era tímido e não possuía as qualificações necessárias”.

Treze anos se haviam passado desde a *descoberta*. Certo dia, enquanto lia sua Bíblia, Miller ergue os olhos, profundamente perturbado. “Será realmente um chamado de Deus?” Ele precisava saber.

Dando um soco sobre a mesa, levanta-se, ajoelha-se e ora: “Não, Senhor. Não! Tu sabes que eu não sei pregar. Eu não sei pregar... Mas talvez seja Tua vontade que eu vá. Ó, Senhor, farei um acordo contigo. Se Tu indicares um meio, quero dizer, se enviare um convite para que eu pregue, então, Senhor, irei!”.

Miller acomoda-se satisfeito em sua cadeira, achando impossível que alguém viesse chamar um fazendeiro de cinqüenta anos para falar da segunda vinda de Cristo.

Passados trinta minutos uma forte batida na porta o desvia de seus pensamentos. “Quem poderia ser, assim tão agitado, numa manhã de sábado?” -perguntou-se.

- Bom dia, tio Guilherme! -diz sorrindo o garoto à porta.

- Irving! -exclama Miller- O que você está fazendo a 25 quilômetros de casa, tão cedo de manhã?

- Tio Guilherme, eu saí antes do desjejum para dizer-lhe que nosso pastor na igreja batista de Dresden não poderá dirigir a Palavra no culto de amanhã. Papai mandou que eu viesse fazer-lhe um apelo. Ele deseja que venha e nos fale sobre as coisas

que tem estudado na Bíblia. A respeito da segunda vinda de Cristo, o senhor sabe. Aceita?

Miller arregala os olhos. Sem dizer uma palavra, dá meia-volta e sai correndo pela porta da cozinha em direção a um bosque próximo dali. Está irado consigo mesmo, irado com Deus, confuso e temeroso. Por uma hora inteira implora para ser dispensado de seu voto. "Ó, meu Deus, envia algum outro, eu Te peço!" Mesmo quando fora deísta ele havia mantido sua palavra. Como cristão, poderia fazer menos? Miller ainda chorava, quando uma paz profunda invadiu ser ser. Entregou sua vida a Cristo e sentiu grande felicidade. Treze anos de relutância vencidos!

Com um sorriso que só aqueles que estão de bem com a vida e consigo mesmos podem ter, Miller olha para o céu e diz:

- Eis-me aqui, Senhor!

Referências:

1. Maxwell, C. M. *História do Adventismo*. Tatui-SP, Casa Publicadora Brasileira, 1982, pág.12.
2. Bliss, Silvester. *Memoirs of Willian Miller*. Pág.7 -citado em revista *Diálogo Universitário*, 6:3 -1994, pág.14.
3. Dick, Everett. *Fundadores da Mensagem*. Tatui-SP, Casa Publicadora Brasileira, quarta edição -1995, pág.16.
4. Lacunza, Manuel. *La Venida del Mesias en Gloria y Magestad*. Dedicatory, London, 1826 -citado em revista *Diálogo Universitário*, 6:1 -1994, pág.13.
5. *Mateos*, pág.143 -citado em revista *Diálogo Universitário*, 6:1 -1994, pág.13.
6. Citado por Walter Hanish Espíndola, "Lacunza o el Temblor Apocalíptico", *História* -Pontificia Universidade Católica de Chile, 21 -1986, pág.356.
7. Vaucher, Félix Alfredo. *Lacunza, un Heraldo de la Segunda Venida de Cristo*. Pág.54 -citado por Sérgio Olivares em revista *Diálogo Universitário*, 6:1 -1994, pág.15.

Enquanto viajava em um barco a vapor pelo rio Hudson, na primavera de 1833, Guilherme Miller levou um grupo de homens conversando. Estavam animados com as progressões dos últimos anos: luz de gás, máquinas de escrever, caminhos de ferro, alimentos enlatados, fotografias, colheitas de trigo a vapor, e até mesmo a exploração a vapor, deixando a impressão de que a humanidade estava se desenvolvendo.

— As coisas não podem continuar assim, ou em outra maneira, e os homens se tornarão mais do que humanos... há um deus invisível.

Miller apontava-se para si mesmo e diz:

— Senhores, estas invenções trazem à minha mente o livro bíblico de Daniel, capítulo 12, verso 4, que diz: "Nos últimos dias, muitos correrão de um lado para outro e a ciência se multiplicará".

Vendo que demonstrava interesse, ele fez referência a duas profecias de Daniel 11 e 12. Enrolando, não se dá conta do tempo que fez falando:

— Perdoem-me, cavalheiros. Eu não apresentava abuso tanto de vossa paciência.

Mas ao dirigir-se para o lado oposto da embarcação, o grupo inteiro o seguiu pedindo-lhe mais esclarecimentos. Miller parou, então, e explicou-lhes todo o livro de Daniel.

No capítulo 2, do livro de Daniel, o profeta interpreta um sonho do rei Nabucodonosor, continua Miller entusiasmado: no sonho do rei aparece uma grande estátua de pé e uma pedra atingindo-a nos pés. Segundo Daniel, a estátua representa o futuro, ou "o que há de ser no fim dos tempos", conforme diz o verso 28. A cabeça de ouro da estátua representa, conforme o profeta mesmo diz, o Império Babilônico.

— E o que representam as outras partes da estátua? —enterramos um dos homens.

— Bem, se a cabeça de ouro é Babilônia e o peito nos braços de prata representam um outro império que se seguiu, basta recorreremos à História para saber que tanto sucedeu Babilônia. E este foi o Império Persa. Em seguida, aparece um terceiro império, representado pela ventosa de cobre de cobre. A Grécia foi o próximo império a dominar o mundo em 331 anos do Cristo. As pernas de ferro representam o Império Romano, o maior e mais poderoso já conhecido. Por fim, temos as pernas de ferro e ferro.

CAPÍTULO 4

NASCE A IGREJA

Enquanto viajava em um barco à vapor pelo rio Hudson, na primavera de 1833, Guilherme Miller ouviu um grupo de homens conversando. Estavam admirados com os progressos dos últimos anos: luz de gás, máquinas de extrair caroços de algodão, alimentos enlatados, fotografia, colheitadeiras, trens a vapor, e até mesmo a embarcação a vapor, deslizante, sussurrante e fumacenta na qual se encontravam.

- As coisas não podem continuar assim, ou em trinta anos o homem se tornará mais do que humano. -diz um deles com seriedade.

Miller aproxima-se mais e diz:

- Senhores, essas invenções trazem à minha mente o texto bíblico de Daniel, capítulo 12, verso 4, que diz: "Nos últimos dias, muitos correrão de um lado para outro e a ciência se multiplicará".

Vendo que demonstravam interesse, ele lhes oferece uma síntese histórica à luz das profecias de Daniel 11 e 12. Empolgado, nem se dá conta do tempo que fica falando.

- Perdoem-me, cavalheiros. Eu não intensionava abusar tanto de vossa paciência.

Mas ao dirigir-se para o lado oposto da embarcação, o grupo inteiro o segue pedindo-lhe mais esclarecimentos. Miller passa, então, a explicar-lhes todo o livro de Daniel.

- No capítulo 2, do livro de Daniel, o profeta interpreta um sonho do rei Nabucodonosor. -continua Miller entusiasmado- No sonho do rei, aparece uma grande estátua de pé e uma pedra atingindo-a nos pés. Segundo Daniel, a estátua representa o futuro, ou "o que há de ser no fim dos dias", conforme diz o verso 28. A cabeça de ouro da estátua representa, conforme o profeta mesmo diz, o Império Babilônico.

- E o que representam as outras partes da estátua? -interrompe um dos homens.

- Bem, se a cabeça de ouro é Babilônia e o peito e os braços de prata representam um outro império que se segue, basta recorrermos à História para saber que reino sucedeu Babilônia. E este foi a Medo-Pérsia. Em seguida, aparece um terceiro império, representado pelo ventre e as coxas de cobre. A Grécia foi o próximo império a dominar o mundo em 331 antes de Cristo. As pernas de ferro representam o Império Romano, o maior e mais poderoso já conhecido. Por fim, temos os pés de ferro e barro.

O quadro pintado pela profecia é de uma Europa fragmentada. Os dedos da estátua simbolizam as nações do continente europeu, divididas entre si, em parte fortes, em parte fracas, incapazes de se unir "assim como o ferro não se mistura com o barro". Em harmonia com esta profecia, o mundo, particularmente a Europa, atravessaria um período em que várias nações competiriam pelo poder, mas nenhuma gozaria de supremacia duradoura. A profecia de Daniel 2 nos permite discernir muitos reinos, mas nenhum império depois do de Roma, até que Deus suscite "um Reino que não será jamais destruído". -Miller faz uma pequena pausa, olha rapidamente para cada rosto atento e pergunta:

- E o que vemos logo em seguida aos pés de barro e ferro?

- Uma grande pedra, que atinge a estátua nos pés. -responde um jovem que parece degustar cada palavra de Miller.

- Exatamente. E esta pedra faz desmoronar toda a estátua, tornando-se em um grande monte que enche toda a Terra. Essa grande pedra não é outra coisa senão o Reino de Cristo. Este reino será estabelecido por ocasião do Seu segundo advendo, como diz o livro de Apocalipse, no capítulo um, verso 7: "Eis que vem com as nuvens do céu e todo o olho O verá".

- E como saber se a volta de Cristo está próxima ou não? -pergunta um homem alto de longa barba branca. Miller vira-se na direção do homem, ergue sua velha Bíblia e diz, apontando o dedo indicador para as páginas amareladas:

- Aqui está a resposta: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado", Daniel, capítulo oito, versículo 14.

Os homens continuam calados, sem entender onde ele quer chegar. Miller continua:

- O período de 2300 dias desta profecia equivale, na realidade, a 2300 anos, pois, em termos proféticos, um dia equivale a um ano. Basta conferir em Ezequiel, capítulo quatro, versículos quatro a seis e Números 14, versículo 34. Este período devia, segundo Daniel nove, verso 25, começar a contar-se desde "a saída da ordem (ou decreto) para se restaurar e reedificar a Jerusalém", que, naquele tempo, estava em ruínas, com os judeus cativos na Medo-Pérsia. O decreto final foi promulgado por Artaxerxes Longimano, rei da Pérsia, no outono do ano 457 a.C., conforme Esdras 7:11-26. Portanto, o ano 457 a.C. marca o início deste período de 2300 anos. Conseqüentemente, um simples cálculo matemático nos leva até o ano 1843 de nossa era!

- Espere um pouco... Se o que o senhor está dizendo estiver certo, Jesus voltará daqui a 10 anos! -exclama o jovem rapaz.

- Exatamente. -diz Miller, balançando a cabeça. Os homens se entreolham num misto de espanto e admiração.

- Mas o que nos garante o cumprimento desta profecia? -indaga um dos homens.

- Existem alguns elementos na profecia que servem como uma espécie de selo de garantia. Segundo Daniel 9:24, setenta semanas dos 2300 dias estavam "determinadas" ou prefixadas para os judeus; ou seja, durante esse tempo iriam se desenvolver acontecimentos que afetariam especialmente a este povo. Como uma semana tem sete dias, 70 semanas equivalem a 490 dias ou anos, no caso da profecia. Ao referir-se o profeta à promulgação do decreto para reedificar Jerusalém e o templo, assinala um período de "sete semanas e 62 semanas", isto é, 69 semanas que perfazem 483 anos. Estes nos levam até o Messias, o Príncipe, ou seja, até Jesus Cristo.

E Miller prossegue:

- Contando desde 457 a.C., esses 483 anos nos levam ao outono do ano 27 da era cristã, data em que Jesus foi batizado e unguido com o Espírito Santo. Basta conferir em Atos 10:38 e Mateus 3:13-17. A profecia acrescenta que, na última semana (Daniel 9:27) e na metade dela, isto é, três anos e meio depois do ano 27, em que terminavam as 69 semanas, o Messias faria cessar "o sacrifício e a oferta", o que quer dizer que morreria, pondo assim fim ao sistema de cerimônias do templo judeu. Este acontecimento leva-nos até a primavera do ano 31 de nossa era, quando, na verdade, Jesus foi crucificado. Porém, ainda restam três anos e meio para completar as 70 semanas "determinadas" para o povo judeu. Eles nos levam até ao outono do ano 34 em que, com o apedrejamento de Estêvão, a nação judaica selou definitivamente sua recusa do Evangelho. Estas 70 semanas, ou 490 anos, formam parte dos 2300 anos. Estes chegam até 1843, ano da purificação do santuário, ou purificação da Terra pela vinda do Senhor.

- O senhor escreveu algo sobre isso? -perguntam.

Miller apanha, em sua mala, cópias impressas de seus sermões e distribui entre aqueles homens que as recebem com muito interesse.

De início, Miller pregava apenas em pequenas igrejas ou onde o "Senhor abrisse uma porta". Mas os convites começaram a ser tantos que ele não conseguia mais atender a todos. Congregacionalistas, Metodistas, Batistas, Presbiterianos concorriam entre si para atraí-lo de sua fazenda para seus púlpitos.

No outono de 1839, ao final de um culto em Exeter, New Hampshire, encontrou um homem que mudaria o curso de sua carreira. Josué V. Himes, com a idade de 34 anos, era já vastamente conhecido na Nova Inglaterra por sua luta contra a escravidão, as bebidas alcoólicas e a guerra. Ao ouvir a mensagem de Miller sobre os 2300 anos, Josué viu nela uma esperança de tornar o mundo um lugar melhor para se viver. Tão logo a reunião terminou, procurou Miller e convidou-o a repetir o sermão em sua capela da Rua Chardon, em Boston. "Assim, em 8 de dezembro de 1839, Miller apresentou sua primeira série numa cidade importante. O interesse foi tão grande que reuniões foram marcadas duas vezes por dia e, contudo, centenas tinham que voltar para trás por falta de espaço".¹

Himes ficou encantado. Viu no apelo de Miller a solução para os problemas do mundo e a causa que concluiria todas as causas.

Certa noite, em sua casa, Himes fez uma pergunta a Miller:

- Crê, realmente, no que está nos pregando?

- Certamente que sim, irmão Himes, ou não estaria pregando isso.

- E o que está fazendo para divulgar essa mensagem ao mundo? -torna a perguntar Himes.

- Bem, tento atender a cada pequena cidade e vila que me envia um convite e...

- Toda pequena cidade e vila!? -interrompe Himes- E o que dizer das grandes cidades? E Baltimore, Rochester, Filadélfia, Nova Iorque, os dezessete milhões de pessoas nos Estados Unidos? Ficarão sem ser advertidos? Se Cristo está para voltar dentro de poucos anos, como acredita, então não há tempo a perder. A mensagem deve ser troyejada para despertá-los à preparação.

- Eu sei disso, eu sei disso, irmão Himes -replica Miller conformadamente- mas o que pode um velho fazendeiro fazer? Eu não estava acostumado a falar em público, e estou sozinho. -suspira- Os pastores apreciam que eu pregue e inspire suas congregações, e aí tudo termina, com a maioria deles como antes. Tenho estado à procura de auxílio.

- Estaria disposto a ir a cidades grandes se obtiver um convite? -pergunta Himes entusiasmado.

- Sem dúvida irei, com a juda de Deus.

- Então, pai Miller, prepare-se para a campanha. Portas se abrirão em cada cidade da União, e a advertência será soada até os confins da Terra.

Estava iniciando assim o grande despertar do segundo advento. Com a ajuda de Himes, Miller começou a se apresentar nas mais importantes cidades do País. Ficou famoso em toda a nação.

Em Portland, Maine, numa igreja da rua Casco, a mensagem de Miller alcançou a família de Roberto Harmon e, junto, a juvenzinha Ellen, uma futura fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que dedicaria toda a sua vida à esperança do advento.

Posteriormente, em 1840, Josué Himes lançou o periódico adventista *Signs of the Times* (com poucos recursos e sem assinantes), contribuindo para pôr o adventismo em destaque. Outras publicações, tanto revistas quanto livros, foram editadas. Estima-se que, antes do Grande Desapontamento de 1844, oito milhões de exemplares de literatura adventista haviam chegado ao povo, espalhando a mensagem.

Milhares de pessoas passaram a conhecer a "bendita esperança" da segunda vinda de Cristo e vários homens importantes uniram-se a Miller nesta causa. Um deles era Josias Litch, metodista que já se tornara conhecido como intérprete das profecias, e que aceitou o milerismo somente depois de certificar-se de que não discordava do metodismo. Ele pregou amplamente, publicou um livro de 200 páginas sobre as conferências de Miller e, entre outras coisas, ajudou a persuadir Carlos Fitch (que acabou falecendo oito dias antes do dia 22 de outubro) a se unir a eles. Fitch era um pastor congregacional em Boston, foi o criador do "Gráfico 1843" e da estátua desmontável de Daniel 2, usados em conferências.

A princípio, a pregação de uma data definitiva para a segunda vinda de Cristo sofreu grande oposição. Entretanto, com o transcorrer do tempo, a tendência de se estabelecer um dia específico se reforçou e, afinal, passou a ser aceita por quase todos.

Ao se aproximar o ano de 1844, Miller e alguns fiéis colaboradores revisaram os cálculos e fizeram notar que o "ano judaico de 1843" finalizava em 21 de março de 1844. Samuel Sheffield Snow deixou claro algo que os outros havia passado por alto: o decreto para "restaurar e edificar Jerusalém" fora promulgado na última parte do ano 457 a.C., portanto, os 2300 anos terminariam no outono de 1844, mais precisamente, no "décimo dia do sétimo mês" do calendário judaico. "Pelo mais cuidadoso registro preservado na Providência divina pelos judeus caraitas" -disse Snow- "o décimo dia do sétimo mês cai neste ano em 22 de outubro".²

"Famílias inteiras se voltaram para o estudo da Bíblia, buscando compreender os cálculos e as datas que levavam ao dia 22 de outubro de 1844, quando o 'santuário' seria purificado. Havia em cada coração esperanças acariciadas. Pessoas enfermas seriam curadas, aos cegos seria restituída a luz dos olhos, as crianças excepcionais seriam transformadas em seres fisicamente perfeitos, e os queridos mortos, ressuscitados.

Jesus voltaria trazendo com Ele a vida eterna, a saúde perfeita, a almejada riqueza que não se corrompe".³

Ao se aproximar o grande dia, os comerciantes adventistas fecharam seus estabelecimentos; mecânicos trancaram suas oficinas; empregados desistiram de seus empregos. Em reuniões campais, milhares confessavam suas faltas e uniam-se em oração. Grandes somas em dinheiro eram doadas para que os pobres pudessem liquidar suas dívidas, bem como para a publicação de literatura. No campo, alguns fazendeiros abandonaram suas plantações; nas cidades, as pessoas -muitos professores, vários juizes de paz, até um magistrado de Norfolk- renunciaram a seus postos.

Os crentes adventistas (de várias denominações) aguardavam com alegre expectativa. A adolescente Ellen Harmon escreveu depois: "Esse foi o ano mais feliz de minha vida. Meu coração estava cheio de feliz expectativa".⁴

Mas, a despeito de toda certeza, Cristo não voltou. Onde estava o erro? Hirã Edson, um dos pregadores do advento, escreveu mais tarde: "Nossas mais caras esperanças e expectativas foram esmagadas, e um tal espírito de pranto nos sobreveio como nunca havíamos experimentado antes... choramos e choramos até o alvorecer".⁵

Sem saber o que fazer, Edson recolheu-se a um canto de sua casa, pensativo. Quase sem querer, começou a recapitular mentalmente as maneiras como Deus o havia abençoado desde que aceitara a esperança de advento. Tinha-lhe concedido poder para curar um vizinho enfermo em nome de Cristo; havia testemunhado centenas de vidas mudadas para melhor; havia desfrutado de uma paz maravilhosa. Sua confiança começou a voltar. "Vamos ao celeiro" -disse aos homens que ainda estavam em sua casa. Entraram no celeiro, fecharam a porta e começaram a orar. Pouco depois, sentiram-se reconfortados com a certeza de que Deus não os deixaria desamparados. Na hora certa, tudo seria esclarecido.

A paz voltara àqueles homens. Edson decidiu visitar outros miléritos para lhes encorajar com sua nova confiança. Tomando um atalho, em meio a um milharal, Edson teve a resposta às suas orações. "Detive-me em meio ao campo" -conta ele- "o céu parecia abrir-se-me à vista e vi, distinta e claramente, que, em lugar de nosso Sumo Sacerdote [Cristo] *sair* do Lugar Santíssimo do santuário celestial para vir a Terra [em 22 de outubro], ...Ele pela primeira vez *entrava* nesse dia no segundo compartimento desse santuário; e que *Ele tinha uma obra para realizar* no Santíssimo antes de vir à Terra".

"O assunto do Santuário foi a chave que desvendou o mistério do desapontamento de 1844. Revelou um conjunto completo de verdades, ligadas harmoniosamente entre si, mostrando que a mão de Deus dirigia o grande movimento do advento e apontara novos deveres ao trazer a lume a posição e obra de Seu povo".⁶

"Hirã Edson (...) era um fazendeiro do norte do Estado de Nova Iorque -e um leigo dedicado e estudioso da Bíblia, ganhador de almas- quando Deus lhe deu a compreensão do ministério celestial de Cristo, que era tema inédito na história da Teologia. Num sentido muito especial a Igreja Adventista do Sétimo Dia nasceu naquele momento, naquele milharal, quando aquele fazendeiro contemplava a Cristo".⁷

Referências:

1. Maxwell, C. M. *História do Adventismo*. Tatui-SP, Casa Publicadora Brasileira, 1982, pág.17.
2. Idem, pág.32.
3. Oliveira, Lygia de. *Na Trilha dos Pioneiros*. Tatui-SP, Casa Publicadora Brasileira, 1990, pág.40.
4. White, Ellen G. *Testimonies for the Church*. Vol.1, pág.54 -citado por C. M. Maxwell. Op. cit., pág.33.
5. Maxwell, C. M. Op. cit. Pág.496.
6. White, Ellen G. *O Grande Conflito*. Tatui-SP, Casa Publicadora Brasileira, pág.243.
7. Maxwell, C. M. Op. cit. Pág.50.

*... E a voz que eu vi da céu tinha chamado porque a filha do anjo e disse: Vai e
... tenta o terreno aberto da mão da terra que está em pé sobre o mar e sobre a terra. E
... eu ao ouvir, disse: Onde é o deserto? Onde há deserto? Onde é o deserto? E disse-me: Onde
... fará um arco e um ventre, mas no teu ventre será como o mar. E tentei o terreno
... da mão da terra e disse: E tu a tua boca não deve conter a terra. E respondi e
... disse: Onde é o deserto? Onde há deserto? Onde é o deserto? E disse-me: Onde
... fará um arco e um ventre, mas no teu ventre será como o mar." (Apocalipse 10:1-11)*

Os relatos sobre o "terreno", como símbolo do terreno do tempo advento de Daniel que tornou-se inadvertidamente compreensível ao seu próprio tempo, mas que, depois de grande despesa de sangue, não nos trouxe profecias, por um movimento perigoso e involuntário, representando todo o tempo - um em dois pés no mar e outro no terra - "deserto, deserto, deserto" - tempo.

Com o tempo, o tempo e o tempo de Jesus era algo "como o mar". Mas, em sua infância, ele desceu do céu e veio ao mundo pelas palavras: "Invento-o comido, a meu ventre não é como o mar" - Apocalipse 10:1-11 de outubro de 1844, essas palavras não mais passaram despercebidas. "Como se não o visse falar e não mentar... 'Tubo-me chamado a grande voz' - não disse em língua viva e agora tornou-se amargo em meu ventre, abençoado seja o nome do' - 'Sardacu Mirá Hihum'.

Assim, o grande descontentamento de 22 de outubro de 1844 tornou-se o pedido quase dois mil anos antes: "Levei de Jerusalém a desparlamento adventista, virou para sempre - de como um grande conhecimento da profecia?" - "Com o Seu 'braga Fito' Deus levou o povo de Israel do pago Jericó e o grupo estava do deserto e terra prometida, mas eles não tinham para trabalhar na terra, mas não precisavam abandonar o adubo do deserto, mantendo a mente dos reformadores que precipitaram a revolução religiosa do século XVI, e através dos tempos, preparou a cenário para o surgimento do movimento adventista."

Depois do grande descontentamento, os fiéis sinceros voltaram à Bíblia e, assim, como a, receberam a mensagem e a esperança ao ler o texto de Habacque 2:3: "Porque a vista é ainda para o tempo determinado, e não ao fim futuro, e não se moverá. Se tardar, espera-O, porque certamente não tardará." - E Apocalipse 10:11 também

CAPÍTULO 5

O AVANÇO DA MENSAGEM

"E a voz que eu do céu tinha ouvido tornou a falar comigo e disse: Vai, e toma o livrinho aberto da mão do anjo que está em pé sobre o mar e sobre a terra. E ele foi ao anjo, dizendo-lhe: Dá-me o livrinho. E ele me disse: Toma-o, e come-o, e ele fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como o mel. E tomei o livrinho da mão do anjo, e comi-o; e na minha boca era doce como o mel; e, havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo" (Apocalipse 10:8-10).

Os mileritas viam o "livrinho" como símbolo das profecias de tempo do livro de Daniel que haviam sido inadequadamente compreendidas até seu próprio tempo, mas que, durante o grande despertar do segundo advento, foram proclamadas por um movimento profético intercontinental, representado pelo anjo com um dos pés no mar e outro na terra (Apocalipse, capítulo dez, versículo dois).

Sem dúvida, anunciar a vinda de Jesus era algo "doce como o mel". Mas, em sua felicidade, eles deixaram de compreender as outras palavras: "Havendo-o comido, o meu ventre ficou amargo". Na manhã do dia 23 de outubro de 1844, essas palavras não mais pareciam incompreensíveis. "Pude ver que a visão havia falado e não mentira; ...Tínhamos comido o livrinho; havia sido doce em nossa boca e agora tornara-se amargo em nosso ventre, amargando todo o nosso ser" - escreveu Hirã Edson.

"Assim, o grande desapontamento de 22 de outubro de 1844 havia sido predito quase dois mil anos antes! Longe de desacreditar o despertamento adventista, serviu para comprová-lo como um genuíno cumprimento da profecia!"¹. "Com o Seu 'braço forte' Deus libertou o povo de Israel do jugo faraônico e o guiou através do deserto à terra prometida; suscitou João Batista para conduzir na Judéia uma obra precursora, anunciando o advento do Messias; iluminou a mente dos reformadores que precipitaram a revolução religiosa do século XVI, e através dos tempos, preparou o cenário para o surgimento do movimento adventista"².

Depois do grande desapontamento, os fiéis sinceros voltaram à Bíblia e, examinando-a, recobramos ânimo e renovaram a esperança ao ler o texto de Habacuque 2:3: "Porque a visão é ainda para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá. Se tardar, espera-O; porque certamente virá, não tardará". E Apocalipse 10:11 resumia

agora a missão dos "remanescentes": "Importa que profetizes outra vez a muitos povos, e nações, e línguas e reis".

Milhares que participaram da amarga experiência de 1844, desalentados, voltaram às suas igrejas de origem. Outros, que haviam entrado para o movimento apenas por algum interesse particular, abandonaram a causa por completo. Porém, outro grupo resolveu voltar à Bíblia em busca de respostas. E, na Palavra de Deus, encontraram o conforto necessário para suportar as críticas e a zombaria de um mundo irreverente e escarnecedor. "Muitas vezes" - escreveu Ellen G. White- "ficamos juntos até tarde da noite, e por vezes durante a noite inteira, orando por luz e estudando a Palavra".

Por manterem suas idéias adventistas, este grupo acabou sendo expulso de suas igrejas. Assim, "os pioneiros adventistas não começaram um movimento religioso animados pelo simples propósito de introduzir uma nova dissidência no seio do cristianismo. Não se inspiraram na orientação teológica ou carismática de um homem. Sentiram-se integrantes de um movimento profético suscitado pela mão de Deus para proclamar dentro do contexto do 'evangelho eterno' a chegada da 'hora do juízo'".³

Os anos posteriores demonstraram a importância da liderança de três pessoas em especial no movimento: o casal Tiago e Ellen White, e José Bates. Os White iniciaram a obra de publicações, em Rochester, Nova Iorque. O ex-capitão José Bates redescobriu um mandamento bíblico há muito esquecido: o sábado do sétimo dia como dia de repouso. Posteriormente, em 1863, os adventistas (agora Adventistas do Sétimo Dia) adotaram a Reforma Pró-Saúde, abstendo-se do fumo, carnes imundas (como a do porco) e de tudo que prejudicasse o "templo do Espírito Santo".

O passo seguinte foi obedecer às palavras de Jesus em Marcos 16:15: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura". Conscientes disso, os adventistas passaram a proclamar pessoalmente, em conferências públicas ou através de suas publicações, suas convicções religiosas: Jesus como único Salvador pessoal; a volta de Cristo como única solução para um mundo em degeneração; a imortalidade condicional do ser humano; a aceitação da Bíblia como única regra de fé e prática; a Lei de Deus como única ética de conduta; o sábado como único dia santificado e a reforma de saúde para uma vida mais digna e uma melhor comunhão com o Criador. E foi justamente este contagiante entusiasmo por promover a saúde e, posteriormente, construir hospitais difundindo os princípios de uma medicina preventiva, que despertou a admiração de muitas pessoas.

"Podemos esperar que uma igreja que aguarda o fim do mundo a qualquer momento concentre a atenção exclusivamente em assuntos religiosos. É o que acontece com as Testemunhas de Jeová, que não possuem hospitais, asilos, orfanatos e clínicas. Seu único interesse parece ser advertir a humanidade da iminente batalha do Armagedom. Não assim os adventistas. Sua crença na Segunda Vinda não arrefeceu seu empenho em favor da educação, do cuidado médico ou do serviço em prol de outros. Nenhuma igreja pode apresentar mais impressionante relatório de serviço médico do que os Adventistas do Sétimo Dia, levando-se em conta o número total de seus adeptos" - escreveu William J. Whiler, professor de História da Universidade Católica de Purdue, Estados Unidos.⁴

Com a lembrança do grande desapontamento ficando para trás, as pessoas tornavam-se cada vez mais receptíveis à mensagem adventista. Em meados da década de 1850, tendas evangelísticas eram erguidas num Estado após outro. Centenas, e mesmo milhares, aglomeravam-se para ouvir Loughborough, White, Andrews, Cornell, Wa-

ggoner, Sanborn, Taylor, Hull e outros pregarem a Palavra. Mas, mesmo que pregassem às multidões desde o Maine até Minnesota, dificilmente cumpririam a ordem de Cristo de levar o evangelho ao mundo inteiro.

Assim, em 1855, José Bates animou os irmãos na fé a reter literatura a algumas estações missionárias estrangeiras. João Fischer, ex-ministro batista, chegou a traduzir um folheto para a língua holandesa. Mas só em 1874 um missionário adventista foi enviado para terras além-mar.

John Nevins Andrews foi o escolhido. Profundo conhecedor de grego e hebraico, Andrews era capaz de ler a Bíblia em sete línguas diferentes, além de saber de cor todo o Novo Testamento. Tinha apenas 15 anos quando passou pela amarga experiência do desapontamento. Sem se deixar vencer pelo desânimo, entretanto, continuou a estudar sua Bíblia, até que um folheto de Nova Iorque, escrito por Hirã Edson, explicando o erro cometido quanto ao evento que teve lugar em 22 de outubro de 1844, trouxe de volta o ânimo à família do jovem Andrews.

Quando J. N. Andrews estava com 17 anos, teve de tomar uma decisão que definiria por completo sua vida. Seu tio Carlos, homem rico que havia prosperado na carreira política e era membro do Congresso Nacional, fez-lhe uma visita e uma proposta. Ele e sua esposa Hanna não tinham filhos e se haviam afeiçoado muito ao sobrinho, um rapaz inteligente e brilhante.

- Que prazer ver você novamente! -diz o tio Carlos- Você está agora com 17 anos, não é verdade? Quais são os seus planos para o futuro?

- Desejo ser um pastor e pregar o evangelho. -responde Andrews. O tio Carlos faz uma expressão de desagrado.

- John, é certo o que tenho escutado sobre você, que está guardando o sábado, como os judeus? Você quer tornar-se um pastor para pregar esta doutrina?!

- Tio Carlos, uma vez que estou convencido de que o sétimo dia da semana é o verdadeiro dia de repouso, estou determinado a pregá-lo em todas as partes aonde eu puder ir.

- Veja, John, eu tenho algo muito mais importante para sugerir-lhe. Você é um jovem inteligente, deve estudar Direito e entrar na carreira política. Este é um brilhante futuro. Pode escolher a universidade que desejar e pagarei todas as suas despesas. Ademais, estou ficando velho e, quando você terminar seus estudos universitários, estarei me aposentando e você poderá substituir-me no cargo que ocupo.

Houve um momento de silêncio. A oferta era tentadora e John apreciava muito os estudos. Pediu um momento para pensar.

- Está bem, John. Tão logo você tenha decidido, escolha a universidade - Harvard, Dartmouth ou Yale- e tratarei de conseguir sua admissão. Pagarei os custos e também lhe comprarei roupas e os livros que precisar.

O tio se retirou deixando Andrews pensativo. Mas a decisão do jovem já havia sido tomada. Serviria a Deus aonde quer que Ele o mandasse, e teria todo o apoio dos pais.

Em 1874, durante a assembléia da Associação Geral, em Battle Creek, Michigan, a decisão de enviar o Pastor Andrews como missionário à Europa foi aprovada pelos delegados. Andrews não ficou muito animado; com a morte de sua esposa Angelina, em 1872, desempenhava o papel de pai e mãe de seus dois filhos Carlos e Maria. Hesitava deixar seu recanto tranqüilo próximo à escola, onde seus filhos iam bem nos estudos. "Mas logo sentiu uma estranha transformação em suas emoções. Seu rosto

brilhava quando ele se pronunciou aceitando ir a qualquer lugar onde o Senhor o enviasse".⁵

No dia 15 de setembro de 1874, J. N. Andrews e seus filhos, juntamente com Ademar Vuilleumier, embarcaram no navio *Atlas*, rumo à Inglaterra. Ademar seria o tradutor e professor de francês dos Andrews.

Pouco tempo depois de estabelecidos no novo Continente, os Andrews já publicavam *Les Signes des Temps* (Sinais dos Tempos). Quando tinha o material pronto, entregava-o a Maria para ser corrigido. Com 14 anos, Maria dominava o francês e ajudava o pai em seu trabalho editorial. J. N. Andrews precisou ainda estudar, além do francês, o alemão e o italiano, para desempenhar seu trabalho.

No início de 1878, Andrews olhava com esperança o futuro. Havia agora adventistas na Inglaterra, Escócia, Irlanda, Egito, Noruega, Suécia, Dinamarca, Holanda, Alemanha, Rússia, França e Itália. "A verdade continua avançando. O Senhor voltará em breve. Nossos dias de luto logo terminarão. Continuamos trabalhando e labutando na esperança da vida eterna" - escreveu Andrews.

Realmente, a mensagem avançava. Mais e mais missionários foram enviados. Milhares de folhetos e livros impressos eram espalhados como "folhas de outono". Turquia, China, África, as ilhas do Pacífico, Índia, Austrália, América do Sul... Em cada "nação, tribo, língua e povo" a mensagem adventista lançava suas raízes.

Até que, no ano de 1880, o adventismo chegou ao Brasil. De forma não menos providencial.

Referências:

1. Maxwell, C. M. *História do Adventismo*. Tatui-SP, Casa Publicadora Brasileira, 1985, pág. 54.
2. Oliveira, Enoch de. *A Mão de Deus ao Leme*. Tatui-SP, Casa Publicadora Brasileira, 1985, pág. 29.
3. Idem, pág. 35.
4. De um artigo publicado na revista *US Catholic*, reproduzido em *O Ministério Adventista*, Janeiro-Fevereiro, 1967, pág. 14.
5. Oliveira, Lygia de. *Na Trilha dos Pioneiros*. Tatui-SP, Casa Publicadora Brasileira, pág. 152.

PREPARANDO O BERÇO

Enquanto os Estados-pioneiros avançavam na América do Norte aguardando que a migração de pioneiros fosse iniciada nos Estados Unidos, pois aquele país era considerado de posse de terras, todos os esforços no Brasil era voltada a Colônia de Blumenau.

A partir dos emigrantes que se estabeleceram nesta região de Santa Catarina vizinha de Blumenau (de Boitum, Hildesheim, Olschburg e Prússia), posteriormente chegaram os Estados Unidos e poloneses.

A migração de alemães em grande escala, no século XIX, coincidiu com o período de grandes crises que atravessaram a unificação da Alemanha sob a hegemonia da Prússia, a partir de 1848. As crises foram imigração levou tanto pontos quanto econômicas. Além de uma intensa propaganda era feita pelos Comunistas, de a realização de alguns países estrangeiros, os seus integrantes.

O fim da dominação francesa na Alemanha foi marcado pela revolução de 1848-1849, na qual a Alemanha se uniu a Rússia contra a França. A consequência mais importante desta guerra para a Alemanha foi o reconhecimento da Confederação Alemã durante o Congresso de Viena, sob a hegemonia da Áustria. Entretanto, o número de pequenos Estados membros na Confederação cresceu e causou polêmica na Alemanha, deixando clara a necessidade de unificação.

O panorama da Alemanha no início do século XIX mostra um agrupamento de pequenos Estados pobres e com economia baseada na agricultura. Três milhões de população viviam em aldeias e pequenas cidades ligadas entre si por pequenas vias de comunicação. O comércio e a indústria eram regulados por velhos costumes.

A vida dos camponeses era muito difícil. Tanto na Prússia como em Blomau, havia o regime de *domínio-peço*; o camponês corria o risco de ser expulso de sua casa e da terra por expulsão, dependendo de vontade do senhor (nobre proprietário de terra, classe que dominava a política e o exército na Prússia). Caso isso acontecesse, o camponês passava à condição de trabalhador nômade do campo.

A vida camponesa era dura e frugal em quase toda parte. O camponês vende dos produtos de sua terra... produzira tudo o que consumia, não só a alimentação mas as roupas, o calçado e habito, que as mulheres faziam e teciam.

Algumas reformas políticas foram feitas, mas acabaram beneficiando ainda mais os nobres. Além dessas reformas e dos problemas ocasionados pela rigidez do sistema feudal ainda vigente, a mecanização da lavoura, na segunda metade do século,

CAPÍTULO 6

PREPARANDO O BERÇO

Enquanto, em 1860, os pioneiros adventistas na América do Norte entendiam que a mensagem do advento devia somente ser pregada nos Estados Unidos -pois aquele país era composto de gente de quase todas as nações- no Brasil era fundada a Colônia de Brusque.

A maioria dos imigrantes que se estabeleceram nesta região de Santa Catarina vieram da Alemanha (de Baden, Holstein, Oldenburg e Prússia), posteriormente, chegaram colonos italianos e poloneses.

A imigração de alemães em grande escala, no século XIX, coincidiu com o período de grandes crises que antecederam à unificação da Alemanha sob a hegemonia da Prússia, a partir de 1871. As causas dessa imigração foram tanto políticas quanto econômicas. Além do mais, intensa propaganda era feita pelas Companhias de Colonização de alguns países interessados em atrair imigrantes.

O fim da dominação francesa na Alemanha foi marcado pela Guerra de Libertação, entre 1813 e 1815, na qual a Prússia se aliou à Rússia contra a França. A consequência mais importante desta guerra para a Alemanha foi o estabelecimento da Confederação Alemã durante o Congresso de Viena, sob a hegemonia da Áustria. Entretanto, o número de pequenos Estados incluídos na Confederação criava o caos político na Alemanha, deixando clara a necessidade de unificação.

O panorama da Alemanha no início do século XIX mostra um amontoado de pequenos Estados pobres e com economia baseada na agricultura. Três quartos da população viviam em aldeias e pequenas cidades ligadas entre si por precárias vias de comunicação. O comércio e a indústria eram regulados por velhas leis medievais.

A vida dos camponeses era muito difícil. Tanto na Prússia como em Hesse, havia o regime do *Bauernlegen*: o camponês corria o risco de ser expulso de sua casa e da terra que explorava, dependendo da vontade do *Junker* (nobre proprietário de terra, classe que dominava a política e o exército na Prússia). Caso isso acontecesse, o camponês passava à condição de trabalhador nômade do campo.

“A vida cotidiana era dura e frugal em quase toda parte. O camponês vivia dos produtos de sua terra... produzia tudo o que consumia, não só a alimentação mas os têxteis: lã, cânhamo e linho, que as mulheres fiavam e teciam”.¹

Algumas reformas políticas foram feitas, mas acabaram beneficiando ainda mais os nobres. Além dessas reformas e dos problemas ocasionados pela rigidez do sistema feudal ainda vigente, a mecanização da lavoura, na segunda metade do século,

acentuou o êxodo dos camponeses. Berlim, por exemplo, duplicou sua população em 35 anos.

A partir da década de 1830, a Revolução Industrial se firmou na Alemanha, alcançando o auge em meados do século XIX. As indústrias se estabeleceram em certas regiões (Aquisgrão, Colônia, Düsseldorf e Ruhr) onde se concentrou um proletariado industrial só comparado ao da Inglaterra. O comércio exterior se desenvolvia rapidamente, graças ao *Zollverein* (União Aduaneira) que forjava os laços de unidade econômica dos vários Estados alemães. O resultado dos dois processos foi a acumulação de grandes capitais financeiros e a sujeição das classes trabalhadoras a um capitalismo de ferro. Os operários adultos (homens e mulheres) trabalhavam até 14 horas por dia e havia nítida preferência pela mão-de-obra infantil e feminina, muito mais barata. Uma nova classe emergiu da Revolução Industrial: o *Lumpenproletariat* -proletariado andrajoso- composto de operários não qualificados, em sua maioria ex-camponeses forçados a deixar suas aldeias em busca de melhores condições de vida.

Essa situação do proletariado, a crise econômica que atingiu o campo, os movimentos nacionalistas provocados pelos liberais e a atuação dos comunistas foram as principais causas da Revolução de 1848, que começou como proletária e acabou sendo usada pela burguesia para atingir seus objetivos.

Mais uma vez o proletariado e o campesinato saíram em desvantagem. "Passara o ano de 1848. Muitas coisas novas haviam sido introduzidas; de melhora, todavia, pouco se via. As sociedades de reforma nas cidades muito logo se dissolviam. A situação nos sítios era cada vez pior. A maior dureza era sentida nos distritos agrários, sobretudo na Pomerânia. Ainda viviam os jornaleiros como escravos, e até mesmo o pequeno proprietário estava obrigado a prestar ao senhor serviços forçados. Em verdade, aumentava o êxodo das populações para as cidades, onde maquinárias e fábricas pareciam nascer do chão para absorver as massas humanas; muitos sentiam o jugo mais pesado ainda pelas revoluções" (depoimento de um colono, transcrito por H. Müller no folheto comemorativo dos 60 anos da Escola Evangélica de Brusque, em 1932).² A situação alemã foi ainda agravada entre 1848 e 1870 por uma série de guerras que culminaram com a unificação alemã.

A todos estes problemas devem-se ainda acrescentar as pesadas taxas impostas aos camponeses pelos pequenos Estados alemães que, não menos que as outras circunstâncias desfavoráveis, impeliram as populações rurais ao êxodo e à imigração. Os imigrantes deixavam seu país com a esperança de se tornarem proprietários de terras no Novo Mundo, motivados pela intensa propaganda das Companhias de Colonização e dos agentes de imigração, tanto do Brasil como de outros países. Só que essa propaganda não fazia a mínima referência às dificuldades que os futuros colonos teriam de enfrentar.

As grandes levas de imigrantes alemães entraram no Brasil entre 1850 e o final do século. Ma foi só em quatro de agosto de 1860 que a Colônia de Brusque iniciou sua história, com o desembarque dos primeiros colonos às margens do Itajaí-Mirim. O rio se tornaria uma testemunha muda do início de uma nova vida para os colonos alemães, assim como, 35 anos mais tarde, seria palco de um "novo nascimento" para os primeiros conversos ao adventismo em Santa Catarina.

Relatam os documentos, confirmando a tradição oral, que os 59 colonos dirigidos pelo Barão Schnéeburg, primeiro Diretor da Colônia, penetraram rio acima, em

canoas, e foram desembarcar no ponto que o Delegado de Terras Públicas da Província, o Major João de Souza Melo e Alvim, havia marcado como o mais apropriado para a sede do estabelecimento.

Os colonos vieram iludidos. A propaganda na Alemanha não lhes dava a mínima informação das reais condições de seu novo "lar". Dizia, sim, que eles encontrariam um paraíso subtropical onde todos seriam proprietários de terras. Estavam totalmente despreparados para explorar um lote de terras coberto de floresta e isolado em ampla área despovoada. Esse despreparo dizia respeito a tudo: nada sabiam das técnicas agrícolas adequadas, do equipamento necessário ao desmatamento e plantio, dos tipos de roupas adequadas à região ou mesmo da inexistência de animais domésticos. Na administração da Colônia é que recebiam um machado, uma enxada e um facho ou uma foice.

Com muita coragem e determinação, foram transformando o ambiente. "É o borborinho do trabalho humano que enche o silêncio da mata. É o ruído das ferramentas que levantam ranchos para os povoadores. É o grito dos homens na animação do trabalho, a voz das mulheres que se ajudam e discutem os problemas comuns, são o choro e o riso das crianças que invadem o ritmo musical da natureza. A face da terra se transforma - apenas o rio continua a correr, embora as suas águas devessem ser, daí por diante, cortadas mais freqüentemente pelas canoas, pois continuaria a ser, por longo tempo ainda, a única via de comunicação do núcleo que iniciava a sua vida com o resto do mundo, a única estrada aberta pela natureza, para o contato com o centro, representado pela Vila do Santíssimo Sacramento do Itajaí".³

Nos anos seguintes, o ritmo do trabalho não mais cessaria. O horizonte seria alargado com a derrubada das matas. As colinas mostrariam as feridas abertas pelas ferramentas humanas e as plantações pouco a pouco surgiriam.

As principais plantas que passaram a ser cultivadas eram o milho, a mandioca, a cana-de-açúcar e o fumo. Os demais produtos cultivados pelo colono eram única e exclusivamente para sua subsistência. Nas roças, plantava-se o feijão-preto, o taiá (considerado um bom substituto da batata), o cará (usado na massa do pão, misturado com farinha de milho), a batata-inglesa, a batata-doce, o inhame (para alimentar os animais domésticos) e o amendoim (para fazer óleo de cozinha). Todas essas plantas eram usadas tanto na alimentação dos colonos quanto para alimentar o gado e os porcos.

A horta era preparada e cuidada pela mulher; esta e os filhos menores se encarregavam também de capinar as roças. Os homens trabalhavam nas roças praticamente o ano todo. Em certos meses, o trabalho diminuía o bastante para permitir que o chefe da família ou um dos filhos adultos deixasse a propriedade em busca do "trabalho acessório", principalmente na abertura de estradas e picadas. Esse tipo de trabalho era pago em dinheiro pela administração e, por isso mesmo, muito procurado pelos colonos.

A pecuária representava atividade secundária e muito limitada. De todos os produtos cultivados, apenas a cana-de-açúcar e o fumo se destinavam à venda. A criação de porcos, aves e vacas tinha por objetivo primeiramente o consumo doméstico. A banha e a manteiga eram os únicos produtos de origem animal cujo excedente era vendido. A subsistência do colono era garantida, portanto, por sua propriedade, devido ao pequeno valor de troca das mercadorias produzidas.

Não havia um produto especializado. Todos os colonos produziam as mesmas coisas e dependiam da oscilação dos preços do mercado, representado pelas casas comerciais da vila.

A Vila de Brusque é importante para caracterizar a comunidade camponesa do Vale do Itajaí-Mirim, no final do século XIX. Basicamente era um aglomerado com aparência semi-urbana, inserido na área colonial. Não se assemelhava nem um pouco às aldeias camponesas alemãs do século XIX, mas, a exemplo delas, um forte laço de coesão social unia as propriedades individuais num grupo territorial muito bem definido - a Colônia. E, se havia lugares em que os colonos mantinham suas atividades sociais e econômicas com outras pessoas, eram as vendas.

Esses estabelecimentos comerciais ocupavam posição de destaque, não tanto pelo volume do comércio, mas pelo fato de serem pontos de reunião para os vizinhos, o local das conversas, da vida social, da venda e troca de mercadorias e da entrega de correspondência.

Nesta *Stadtplatz* (como os colonos chamavam a Vila de Brusque), havia uma venda muito especial. Pertencia ao Sr. Davi Hort, comerciante vindo da Alemanha. Nela, no início do ano de 1880, a mensagem adventista chegaria pela primeira vez ao Brasil.

Referências:

1. Bianquis, G. *La Vie Quotidienne en Allemagne à l'Epoque Romantique*. Pág.66 -citado por Giralda Seyfert em *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre, Editora Movimento, 1974, pág.21.
2. Seyfert, Giralda. Op. cit. Pág.26.
3. Cabral, Oswaldo R. *Brusque - Subsídios para a História de uma Colônia nos Tempos do Império*. 1958, págs.8 e 9.

A preta que se eleva quase impossível a identificação de parte de brigades. Um grupo de homens já forma um círculo no centro das duas corças surradas que se contorcem no chão. Assim, era o tipo de acontecimento que servia para queimar a memória da Vila de Brusque.

Vai lá, Carlos, e cara de lei, armamos alguns.

Borchardt, o mais jovem, leva vantagem sobre o operário. Num giro rápido de corpo, lança-se sobre o adversário, imobilizando-lhe os braços. Com as mãos de suas escovas de sua testa, molhando a face amarelhada de raiva. Seus olhos possuem brilho das ábissas.

Deixa pra lá, Borchardt... Não vale a pena brigar por isso... É um círculo de mala-alea, tentando analisar os limites.

Borchardt levanta a cabeça, tenta por um momento mais, não consegue, desce ao chão, da sua forte mão no rosto do adversário.

Não havendo reação por parte do homem, Borchardt levanta-se com alguma dificuldade, sacode a poeira do corpo e arruma os cabelos desgrenhados. É muito farto, mas enquanto a pequena multidão observa o corpo envolto no chão, ele repente, quebrando a silêncio, alguma palavra:

Acho que ele está morto.

Um calafrio percorre a espinha do jovem alemão que não diz uma palavra, vai andando em direção à casa de seu pai, Carlos Drechsel Tomazini que a polícia poderia perseguir-lo, Borchardt avisa a polícia principal, e todos um silêncio não muito utilizado.

Um cinco quilômetros depois, o elegante jovem chega à última casa de seu pai. Aquela hora ninguém se movimenta em casa, estavam todos na roça ou talvez no engenho. Não havia tempo para comemorar ao Sr. Drechsel. Assim, Borchardt apara alguns mantimentos, e começa para dirigir-se ao porto de Itajaí, distante 40 quilômetros. Seria dura e longa a caminhada.

Seu dinheiro dinheiro no bolso naquele tempo (1879) as transações comerciais com os vizinhos eram feitas na base de produtos. Borchardt inicia sua viagem para adentro. Os seus caminhos são a Vila de Brusque, uma pequena estrada aberta pelos moradores de maneira para as serrarias de madeira do rio, em pequenas embarcações. Borchardt opta pela estrada pois não quer entrar em contato com alguém que possa reconhecer-lo.

CAPÍTULO 7

EM TERRAS TUPINIQUINS

A poeira que se eleva quase impossibilita a identificação do par de brigões. Um grupo de homens já forma um círculo em torno dos dois corpos suarentos que se contorcem no chão. Afinal, era o tipo de acontecimento que servia para quebrar a monotonia da Vila de Brusque.

- Vai lá! Quebra a cara dele! -animam alguns.

Borchardt, o mais jovem, leva vantagem sobre o oponente. Num giro rápido de corpo, coloca-se sobre o adversário, imobilizando-lhe os braços. Grossas gotas de suor escorrem de sua testa, molhando a face avermelhada de raiva. Seus olhos parecem saltar das órbitas.

- Deixa prá lá, Borchardt... Não vale a pena brigar por isso! -diz um senhor de meia-idade, tentando acalmar os ânimos.

Borchardt levanta o punho, hesita por um momento mas, não dando ouvidos ao conselho, dá um forte soco no rosto do adversário.

Não havendo reação por parte do homem, Borchardt levanta-se com alguma dificuldade, sacode a poeira da roupa e arruma os cabelos despenteados. O círculo fecha-se mais, enquanto a pequena multidão observa o corpo imóvel ao chão. De repente, quebrando o silêncio, alguém comenta:

- Acho que ele está morto.

Um calafrio percorre a espinha do jovem alemão que, sem dizer uma palavra, sai correndo em direção à casa de seu padrasto Carlos Dreefke. Temendo que a polícia pudesse persegui-lo, Borchardt evita a picada principal, e toma um atalho não muito utilizado.

Uns cinco quilômetros depois, o ofegante jovem chega à rústica casa de seu padrasto. Àquela hora ninguém se encontrava em casa; estavam todos na roça ou talvez no engenho. Não havia tempo para comunicar ao Sr. Dreefke. Assim, Borchardt apanha alguns mantimentos e roupas para dirigir-se ao porto de Itajaí, distante 40 quilômetros. Seria dura e longa a caminhada.

Sem nenhum dinheiro no bolso (nequele tempo -1879- as transações comerciais com os vendeiros eram feitas na base da permuta), Borchardt inicia sua viagem mata adentro. Os únicos caminhos até a Vila de Itajaí eram uma pequena estrada aberta pelos arrastadores de madeira para as serrarias ou através do rio, em pequenas embarcações. Borchardt opta pela estrada pois não quer arriscar um contato com alguém que possa reconhecê-lo.

Dias depois, transpando montanhas e dormindo na mata, chega ao seu destino, totalmente exausto e faminto. No porto, Borchardt fica sabendo da partida de um navio rumo à Alemanha. Sem pensar duas vezes, entra, sorratamente, escondendo-se entre a carga.

Quando o verde vale do Itajaí já havia desaparecido no horizonte, o capitão encontra Borchardt dormindo entre algumas caixas. Depois de alimentado, o jovem explica sua situação ao capitão que, sem outra alternativa, obriga-o a trabalhar para pagar a passagem.

Os dias transcorrem calmamente. Certa manhã, enquanto Borchardt esfrega o chão do convés, dois senhores bem vestidos se aproximam sorridentes.

- Bom dia, senhor! Você vem do Brasil, não? -pergunta um deles, em alemão.

- Sim... da província de Santa Catarina. -responde Borchardt desconfiado.

O outro senhor estende-lhe a mão e diz:

- Nós somos missionários adventistas. Gostariamos de saber se há algum evangélico em sua terra.

Vendo que não há o que temer, Borchardt prossegue.

- Bem, o meu tio é luterano.

- Ótimo. Você poderia nos fornecer o endereço dele? Nós temos interesse em mandar literatura religiosa para o Brasil.

Alguns meses depois, uma pequena embarcação vinda de Itajaí deixa seu carregamento em Brusque: algumas caixas com utensílios de agricultura, correspondência para a administração da vila e um pequeno pacote endereçado ao Sr. Carlos Dreefke, com selo de Battle Creek, Michigan, Estados Unidos.

CAPÍTULO 8

RECEBENDO A MENSAGEM

O ano novo não começara nada bem. As chuvas constantes ameaçavam as plantações e tornavam desgraçadamente previsível uma nova cheia do rio Itajaí-Mirim.

Na *Kaufläden* (venda) do Sr. Davi Hort -uma típica casa colonial de dois pavimentos- o comerciante conversa com alguns colonos.

- Sr. Hort, o senhor sabe como as chuvas têm dificultado as colheitas este ano. Não temos muita mercadoria excedente para trocarmos, mas precisamos de novas ferramentas e alguns mantimentos...

A venda facilitava o comércio em pequenas quantidades. O colono vendia ou trocava os seus produtos agrícolas e voltava para a sua propriedade levando bens de consumo para uso de sua família. Servia, ao mesmo tempo, como local de armazenagem de produtos agrícolas e como ponto de distribuição de mercadorias não produzidas na área. O colono deixava na venda uma parte da produção agrícola do seu lote e levava sal, toucinho, ferramentas, óleo, tecidos e armas. Os colonos chamavam a isto de *Trok* (adaptação do termo português *Troca*), pelo fato de que não entrava dinheiro na transação.

- Bem, não posso fazer muito por vocês. -diz Davi Hort, coçando o queixo, enquanto se apoia com os dois cotovelos sobre o balcão de madeira- Os produtos tiveram um aumento de preço na Vila de Itajaí e eu não posso sair em prejuízo. Mas me digam: vocês não trouxeram fumo ou banha?

- Muito pouco, Sr. Hort. Como lhe disse, a colheita este ano não tem sido como esperávamos.

Dentro das suas pequenas propriedades, os colonos também se dedicavam a um cultivo puramente comercial: o fumo, que se destinava ao mercado, sendo apenas uma pequena parte consumida no local. Por outro lado, parte da produção agrícola chegava às vendas indiretamente. Milho, inhames e aipim eram utilizados para alimentar os porcos que, transformados em banha, constituíam uma das mais importantes fontes de renda do colono. Os verdadeiros excedentes da produção camponesa estavam, pois, reduzidos a dois artigos: o fumo e a banha. O cultivo do fumo, contudo, não foi nunca atividade agrícola mais importante do que as outras. O colono não deixava de cultivar milho, mandioca e outros produtos necessários à sua subsistência para se dedicar à agricultura comercial, embora essa significasse, muitas vezes, dinheiro vivo. O fumo era praticamente o único artigo que os vendedores pagavam em dinheiro.

As vendas principais ficavam na sede da colônia. Outras, de importância secundária, localizavam-se nos entroncamentos de picadas e tinham mais características de entreposto de trocas. Na prática, esses vendedores eram intermediários dos vendedores da sede mais do que comerciantes independentes; também colonos, tinham, como atividade suplementar, pequenas vendas. Nelas se encontravam alguns produtos de maior necessidade (alimentos e pequenas ferramentas); para qualquer transação comercial maior, era necessário ir à vila.

Bem ou mal, o colono dependia do vendeiro. A colônia estava isolada, longe de qualquer centro urbano. Qualquer deslocamento, mesmo para um centro comercial mais próximo (no caso, o porto de Itajaí), demorava de uma semana a quinze dias. O colono não tinha condições de se afastar tanto tempo de suas plantações, ainda mais pelo fato de dedicar todo o tempo que restava aos "serviços acessórios". Por outro lado, para levar a mercadoria pessoalmente até Itajaí necessitava ter pelo menos bons animais de carga, sujeitando-se a viajar numa picada em péssimas condições, ou dispor de uma embarcação. Praticamente nenhum pequeno proprietário da região colonial tinha condições para isto. Deste modo, os comerciantes é que ditavam as regras.

- O que eu posso fazer -continua o Sr. Davi- é vender fiado o que vocês precisam. Depois a gente negocia a melhor forma de pagar a dívida.

Adolfo Hort, de dez anos, filho mais novo do casal Davi e Anna Dorothea Hort, acompanha a conversa com muita atenção, sentado sobre algumas sacas de feijão. Apesar da pouca idade, Adolfo sabe que a dívida daqueles homens dificilmente poderá ser paga. Os colonos também sabem. Mas é um círculo vicioso do qual dificilmente podem escapar. Como o excedente da produção de cada família é pequeno, ao ser saldada uma dívida, uma nova é contraída.

Os colonos ainda discutem as condições do acordo, quando entra um garoto, vestindo uma velha capa de chuva e tendo nos braços um pacote de forma retangular. Por um momento, todos ficam quietos, aguardando as palavras do rapaz.

- "Seu" Davi, mandaram-me trazer esta encomenda pra cá. É pro Sr. Dreefke.

Carlos Dreefke, como quase todos os colonos daquela época, tinha a sua pequena propriedade da qual vivia. Providencialmente, encontrava-se na vila naquela manhã chuvosa de verão, fazendo seus negócios com os vendedores da região. O Sr. Davi Hort já o havia visto passar em frente ao seu estabelecimento e, curioso para saber o conteúdo do pacote, diz ao garoto:

- Faça-me um favor, rapaz: procure o Sr. Dreefke, ele deve estar aqui por perto.

O garoto, satisfeito por sua nova "missão" e, talvez, esperando alguma pequena gratificação, recoloca o capuz de couro e sai às ruas enlameadas. Minutos depois, volta à loja acompanhado de Carlos Dreefke. Além de Hort e seu filho, havia mais uns oito homens na casa; todos aguardando ansiosos.

- *Gut tag*, Sr. Hort. Como vão vocês? -pergunta Dreefke educadamente- Mandou-me chamar?

- Sim. Chegou uma encomenda para o senhor. O selo diz que é dos Estados Unidos... -o Sr. Davi aponta o dedo para o pacote a um canto do balcão- Ali está.

- Encomenda para mim?! Dos Estados Unidos... Creio que há um engano aqui. Não fiz nenhuma encomenda!

- Mas não existem dois Carlos Dreefke nesta região! -diz um dos colonos.

- Desculpem-me, mas não posso abrir este pacote. E se for uma cilada...

- Cilada?! -interrompe o Sr. Davi- Ora, homem! O que pode haver de mal num simples pacote? Além do mais o selo já está pago. O que você tem a perder?

Relutante, o Sr. Dreefke aproxima-se do embrulho. Os homens o animam abri-lo. O pequeno Adolfo também se aproxima, com os olhos brilhando de curiosidade. Dreefke começa a rasgar o papel lentamente, faltando pouco para um dos homens tomar a frente e terminar o serviço. A curiosidade domina a todos.

Instantes depois, o conteúdo do pacote vem à luz. Dez belas revistas com a inscrição de capa *Stimme der Wahrheit* (Arauto da Verdade). Dreefke espanta-se mais ainda. "Quem poderia ter-me enviado estas revistas? Quem saberia o meu endereço e meu nome?" As dúvidas se multiplicavam.

Pegando uma das revistas para si, Dreefke distribui as demais aos outros homens. Meio decepcionados, os colonos guardam o presente -as páginas que mais tarde dariam início a uma verdadeira transformação de mentes e corações.

Carlos Dreefke e os outros colonos que assistiram à abertura do pacote na tarde de Davi Host levaram suas revistas para casa.

Helmut, com sua esposa e sua esposa Herta, ambos filhos adotivos, resolveram também se interessar pelas publicações. Em 1880 não havia nada a que se ligar naquela região ainda, pois as terras ainda

Helmut, sempre fiel: "A segunda vinda de Cristo é a grande esperança da Igreja, o grande ponto culminante do Evangelho. A vinda do Salvador não é local, pessoal, física e universal. Quando Ele voltar, os justos falarão com Ele, não apenas juntamente com os justos que estiverem vivos, serão glorificados juntamente com os justos. Foi o próprio Jesus Quem prometeu: 'Não se sabe o dia nem a hora da vinda do Filho do Homem, mas os dias e as horas são conhecidos ao Pai'. Na casa de Meu Pai há muitas moradas... não posso contar um lugar... virei outra vez' (João 14:1-3). E a Bíblia nos garante que Ele voltará novamente perto da proximidade deste grande dia. A maior parte dos homens aqui já se converteram ou estão se convertendo. Há no ar um clima de expectativa e expectativa. Estamos esperando. E você, o que está fazendo? Ser ocioso é impossível. Então é alternativa, estar preparado para a volta de Jesus na terra. Prepare-se, então, pois agora você já está sabendo que muito em breve nosso mundo Salvador e Arango Jesus virá aqui novamente."

"Herta... Como pode uma coisa dessas? -admirou-se Helmut- Como podemos ouvir falar disso?"

- Helmut, tendo a impressão de que estas revistas têm preciosas verdades a nos revelar.

Naquela noite, Helmut e Herta ficaram dormindo pensativos. A intrusão do casal era conseqüência das publicações adventistas, pois seu trabalho havia sido de perseguição.

Davi Host não deu muita atenção à revista que lhe enviou, entretanto, sua esposa Doretha não se esqueceu de lê-las. As chaves da igreja não haviam feito maravilhas e alguns viram a parte de destruir muitas plantações e propriedades. Aquilo deixava uma impressão profunda em sua mente, mas ele só se apegava à mensagem adventista após não ter sido juntamente com seu filho Adolfo Host.

As três famílias interessadas nas publicações adventistas continuaram a pedir mais literatura, usando o nome do Sr. Dreefke que, sem modo de que algum dia lhe mandassem a cópia de todas as revistas, acabou cancelando os pedidos futuros.

CAPÍTULO 9

COMO FOLHAS DE OUTONO

Carlos Dreefke e os outros colonos que assistiram à abertura do pacote na venda de Davi Hort levaram suas revistas para casa.

Helmut -um dos colonos- e sua esposa Herta, ambos fiéis luteranos, resolveram conferir o conteúdo daquela publicação. Em 1880 não havia muito o que se ler naquela região, ainda mais na língua alemã.

- Helmut, escute isso: "A segunda vinda de Cristo é a bendita esperança da Igreja, o grande ponto culminante do Evangelho. A vinda do Salvador será literal, pessoal, visível e universal. Quando Ele voltar, os justos falecidos serão ressuscitados e, juntamente com os justos que estiverem vivos, serão glorificados e levados para o Céu. Foi o próprio Jesus Quem prometeu: 'Não se turbe o vosso coração, credes em Deus, credes também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas... vou preparar-vos um lugar... virei outra vez' (João 14:1-3). E a Bíblia traz vários sinais que apontam para a proximidade deste grande dia. A maior parte desses sinais já se cumpriram ou estão se cumprindo. Há no ar um clima de ansiedade e expectativa. É Jesus voltando. E você, o que está fazendo? Ser neutro é impossível. Resta a alternativa: estar preparado para a volta de Jesus ou não. Prepare-se, então, pois agora você já está sabendo que muito em breve nosso amado Salvador e Amigo Jesus virá outra vez".

- Herta... Como pode uma coisa dessas? -admira-se Helmut- Como nunca ouvimos falar disto?

- Helmut, tenho a impressão de que estas revistas têm preciosas verdades a nos revelar.

Naquela noite, Helmut e Herta foram dormir pensativos. A intensão do casal era conseguir mais publicações adventistas, pois seu interesse havia sido despertado.

Davi Hort não deu muita atenção à revista que lhe coube; entretanto, sua esposa Dorothea não se esqueceu da leitura. As chuvas daquele ano haviam feito transbordar o Itajaí-Mirim a ponto de destruir muitas plantações e propriedades. Aquilo deixaria uma impressão profunda em sua mente, mas ela só aceitaría a mensagem adventista anos mais tarde, juntamente com seu filho Adolfo Hort.

As dez famílias interessadas nas publicações adventistas continuaram a pedir mais literatura, usando o nome do Sr. Dreefke que, com medo de que algum dia lhe mandassem a conta de todas as revistas, acabou cancelando os pedidos futuros.

A frustração foi geral. Quem poderia assumir agora a responsabilidade pelas revistas? Um polonês de nome Chikrevitowski chegou a se responsabilizar pelos pedidos, mas seu entusiasmo durou pouco. Foi então que uma terceira pessoa entrou na história: Frederich Dressel.

Dressel era filho de um pastor luterano na Alemanha. Foi expulso de seu país por ser alcoólatra. Aproveitando as correntes migratórias para o Brasil, veio parar em Brusque. Trabalhou como professor, mas toda a sua renda era gasta em bebida. Quando Dressel ouviu falar das tais revistas adventistas que eram enviadas de graça, resolveu fazer um pedido, com a intenção de vendê-las para alimentar o vício que o destruía.

As revistas chegaram e, com elas, alguns livros. Entre eles, um muito especial: *Gedanken Über das Buch Daniel* (Comentário Sobre o Livro de Daniel). Após a leitura deste livro, Guilherme Belz se tornaria -nove anos mais tarde- o primeiro no Brasil a reconhecer o sábado como dia de descanso.

Em certas ocasiões, enquanto Dressel caminhava pelas ruas em busca de compradores, os folhetos caíam de suas mãos trêmulas. Como não havia muito papel espalhado pelo chão naquela época, as pessoas, curiosas, apanhavam os folhetos e os liam. Sem saber, Dressel prestou grande contribuição à causa adventista que ensaiva seus primeiros passos em terras brasileiras.

A Sociedade Internacional de Tratados dos Estados Unidos enviou centenas de dólares em literatura, que Dressel transformou em cachaça. Na venda de Davi Hort, Dressel trocava as revistas e folhetos diretamente por bebida. O Sr. Davi as usava como papel de embrulho. E foi desta forma que a mensagem adventista conseguiu se espalhar mais e mais, alcançando famílias e corações nos quais a "semente da verdade" começara a germinar.

CAPÍTULO 10

OS PRIMEIROS CONVERSOS

Guilherme Belz nasceu na Alemanha, em 1835. Veio para o Brasil e estabeleceu-se na região de Braunchweig (hoje Gaspar Alto), a cerca de 18 quilômetros de Brusque. Certa ocasião, ao voltar das compras na Vila de Brusque, notou algo de especial em uma das mercadorias. O papel de embrulho trazia um texto escrito em alemão. A leitura do impresso deixou Belz pensativo por várias semanas, até que, ao visitar seu irmão, descobriu que este havia comprado um livro de Frederick Dressel - livro que coincidentemente tratava, dentre outras coisas, do mesmo assunto do folheto.

O *Comentário Sobre o Livro de Daniel*, de Uriah Smith, também estava escrito em alemão. Guilherme Belz, ao lê-lo, ficou especialmente impressionado com o capítulo: "O Papa Muda o Dia de Repouso". Este título fez Belz recordar sua juventude na Alemanha.

Nascido em uma família luterana, Guilherme tinha por hábito ler a Bíblia, mas algo o intrigava: "Se apenas o sábado é mencionado nas Escrituras, por que guardamos o domingo?" A resposta teve de aguardar muitos anos.

Com a leitura do livro de Uriah Smith, comparando tudo com a Bíblia, Belz convenceu-se da santidade do sábado e de que a observância do domingo era, na verdade, apenas uma "tradição humana". Começou a guardar o sábado em 1889, com 54 anos.

Guilherme Belz não demorou a espalhar as novas. Pouco tempo depois, já se reunia com dois amigos: Ricardo Olm e Frederico Schirmer. Os três ficavam horas e horas, madrugada adentro, estudando a Bíblia à luz de lampiões. A cada sábado reuniam-se para estudar e orar, um na casa do outro.

Pouco depois, na Vila de Brusque, as famílias Look e Thrun também começaram a se reunir aos sábados para realizar seus cultos. Entretanto, a perseguição dos luteranos e de descrentes os forçaria a mudarem-se para Gaspar Alto, em busca de paz. Em certa ocasião, enquanto realizavam o culto do pôr-do-sol, algumas pessoas começaram a jogar pedras e ovos podres na casa. Nas ruas, os adventistas eram vistos como "pessoas estranhas", membros de uma "nova seita misteriosa".

Em maio de 1893, por designação da Associação Geral, o colportor (vendedor de literatura religiosa) Albert B. Stauffer chegou ao Brasil. Desembarcou em São Paulo, depois de ter trabalhado por dois anos no Uruguai e na Argentina, país onde foi iniciada a Obra Adventista na América do Sul.

Uma família argentina leu em um jornal secular notícia sobre um batismo adventista, por imersão, na Suíça. Isso despertou-lhes o interesse. Fizera um pedido de literatura, o que motivou a vinda de Elwin Winthrop Snyder e um grupo de colportores no ano de 1891, para trabalhar na Argentina e, depois, no Uruguai e Brasil.¹ Junto com Snyder, vieram também Clair A. Nowlen e Albert B. Stauffer que, dois anos depois, seria o primeiro colportor adventista a trabalhar no Brasil.

“O reavivamento religioso experimentado em países da Europa e América do Norte com a pregação adventista, no início da século XIX, chegava também ao Brasil, embora com cerca de 50 anos de atraso. A Igreja Adventista do Sétimo Dia despontava assim como sucessora direta do movimento protestante, atingindo todos os continentes”.²

Elwin W. Snyder veio ao Brasil logo depois de Stauffer. No Rio de Janeiro, conheceu Albert Bachmeyer, jovem marinheiro alemão. Os dois tornaram-se amigos e Bachmeyer acabou se convertendo à fé adventista. Snyder o treinou para a obra de colportagem e, mesmo ainda não batizado, o jovem alemão empenhou-se em sua nova missão. A seu respeito escreveu Guilherme Stein Jr.: “O irmão Bachmeyer era um colportor bem preparado. De agradável presença e um certo grau de cultura... Só podemos elogiá-lo pelo que diz respeito à sua conduta e tratamento”.³

Bachmeyer vendeu a literatura adventista em Indaiatuba, Rio Claro, Piracicaba e outras localidades. Assim, os primeiros interessados na mensagem adventista, em São Paulo, foram surgindo. Em Indaiatuba, a família de Guilherme Stein; em Rio Claro, Guilherme e Paulina Meyer, e seu filho João Meyer; em Piracicaba, o professor Guilherme Stein Jr. e sua esposa Maria Krähenbühl Stein. Stein Jr. era metodista e se converteu ao adventismo após a leitura de *Der Grosse Kampf* (O Grande Conflito), de Ellen G. White.

Os adventistas que, em São Paulo, observavam o sábado e criam na volta de Jesus estavam totalmente alheios à existência de seus irmãos em Santa Catarina que, já há alguns anos, professavam a mesma fé.

No início de 1894, chegou ao Brasil outro missionário adventista: Willian Henry Thurston. Thurston, acompanhado de sua esposa Florence, veio dos Estados Unidos com a missão de estabelecer um entreposto de livros denominacionais no Rio de Janeiro, para atender aos colportores no Brasil. Thurston trouxe duas grandes caixas de livros e revistas impressos em inglês, alemão e pouca coisa em espanhol. Na época, não havia nada publicado em português.⁴

O mesmo navio *-Madalena-* que trouxe o casal Thurston ao Brasil levou o Pastor Frank Henry Westphal para a Argentina. Eram poucos os primeiros representantes da Igreja Adventista no continente Sul-Americano. No final de 1894, num território de 15.500.000 quilômetros quadrados, somente dez homens se dedicavam à proclamação da fé adventista, oralmente ou por escrito. Um deles era o Pr. Westphal, outro era o diretor de colportagem, e os outros eram colportores, incluindo Stauffer e Bachmeyer. Mas, em apenas cinco anos, os vinte já eram duzentos!⁵

Neste mesmo ano -1894- Albert Bachmeyer chegou ao Estado de Santa Catarina. Grande foi sua alegria quando, ao oferecer seus livros a uma família em Brusque, descobriu que havia adventistas ali. Imediatamente, transmitiu a boa notícia a Thurston que, por sua vez, escreveu informando o Pastor Westphal, na Argentina.

Em fevereiro de 1895, o Pastor Westphal desembarcou no Rio de Janeiro, onde o esperavam o casal Thurston e o colportor A. B. Stauffer. Acompanhado por Stäu-

ffer, o Pr. Westphal seguiu primeiro para o interior de São Paulo, para batizar os primeiros conversos naquele Estado. O primeiro batizado foi o professor Guilherme Stein Jr, em abril do mesmo ano, em Piracicaba. Seu batismo foi realizado no rio do mesmo nome, que na língua indígena significa *colheita de peixes*. "Interessante o simbolismo, porque este primeiro batismo seria apenas o primeiro passo para uma grande colheita de almas".⁶

Stein Jr. Desempenhou papel importante na Obra Adventista do Brasil como colportor, evangelista, professor, administrador, redator e editor. Sobre seu batismo, diz o Pr. Westphal: "Escolhemos para o batismo um lugar em que uma pequena ponta de terra se projetava em direção às águas. Temendo que pudesse atolar-me naquele local, pedi que o irmão Stauffer me segurasse pelo paletó com uma das mãos, e com a outra se agarrasse a um galho de árvore, permitindo assim que eu ajudasse também o candidato. Desta forma entramos na água e foi realizado o batismo".⁷

O segundo batismo ocorreu logo em seguida, em Rio Claro, com dois conversos: Guilherme e Paulina Meyer. Logo depois, mais seis pessoas foram batizadas em Indaiatuba: Guilherme Stein (pai), sua esposa e mais quatro filhos. A etapa seguinte era Santa Catarina.

Antes de chegar à Brusque, no dia 30 de maio de 1895, o Pr. Westphal pregou a mensagem nas cidades de Joinville, Blumenau e outras da região. Deixou trinta observadores do sábado em Joinville, preparando-se para um batismo futuro.

Já em Brusque, enquanto visitava a Vila e suas imediações em busca dos crentes dispersos, o Pr. Westphal teve de enfrentar a forte oposição e intransigência dos religiosos da época -tanto luteranos como católicos- que se consideravam donos da verdade. Algumas vezes esteve a ponto de perder a vida, mas prosseguiu em sua missão.

Emocionados, os novos conversos ouviram pela primeira vez a pregação de um ministro adventista. Em oito de junho de 1895, foi realizado o primeiro batismo de oito pessoas no rio Itajaí-Mirim, uns cinco ou seis quilômetros acima da Vila de Brusque. Foram registradas as seguintes pessoas: o casal Karl e Hulda Thrun, os filhos Hermann, Gustav e Theodor Thrun; o casal Ludwig e Henriette Look e Carlos Look Filho.

Três dias depois, o Pr. Westphal realizou o segundo batismo em Braunschweig (Gaspar Alto). Nesse dia, mais 15 pessoas foram batizadas: o casal Guilherme e Johana Belz, Franz Belz Filho, Gertrud Belz e Ana Wagner; o casal August e Johana Olm, Margarete Olm, Ricardo Olm e suas irmãs Martha e Clara Olm; Hermann e Emil Olm, Charlotte Olm e o colportor Albert Bachmeyer que, embora convertido, ainda não havia sido batizado.

Certo dia, o Pastor Westphal estava fazendo os preparativos para uma reunião de sexta-feira à noite e sábado, no final da qual haveria uma Santa Ceia, em Brusque. Entretanto, devido à oposição do padre, o dono da casa onde os adventistas se reuniam não quis mais cedê-la; devolveu o dinheiro do aluguel e pediu o recibo de volta. O gerente de uma fábrica de roupas, sabendo do problema, cedeu uma grande sala para realizarem o culto de sexta-feira à noite. Mas, na manhã seguinte, o proprietário da fábrica, também por imposição do pároco, mandou suspender a cessão do local. Depois de procurarem sem sucesso outro lugar, os adventistas reuniram-se à margem do rio Itajaí-Mirim, onde havia toras de madeira que serviram de assento, e uma tora maior, com superfície plana, que serviu de mesa para a Santa Ceia.

Sobre esta reunião disse o Pastor Westphal: "Naqueles bancos de madeira junto ao rio formamos o primeiro grupo organizado de Adventistas do Sétimo Dia do Brasil e celebramos a Ceia do Senhor".⁶

No ano de 1896 cinco grupos de conversos adventistas já realizavam a Escola Sabatina em Campos dos Quevedos e Taquari (RS), Joinville (SC), Curitiba (PR) e Rio Claro (SP). Neste mesmo ano, em fevereiro, foi organizada a primeira igreja adventista do sétimo dia no Brasil, em Gaspar Alto, Santa Catarina. August Olm foi escolhido para a função de ancião e Guilherme Belz para a de diácono. Os cultos eram realizados alternadamente na casa destas duas famílias, até que, no dia 23 de março de 1898, foi inaugurado o singelo templo de Gaspar Alto.

6. Westphal, P. H. "A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil", Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 1954, pag. 7.

7. História de Nossa Igreja, "Desenvolvimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia (1845-1898)", pag. 311.

8. Westphal, P. H. "A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil", Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 1954, pag. 7.

9. Westphal, P. H. "A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil", Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 1954, pag. 7.

10. Westphal, P. H. "A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil", Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 1954, pag. 7.

11. Westphal, P. H. "A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil", Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 1954, pag. 7.

Referências:

1. *Seventh-Day Adventist Encyclopedia*, verbete *Snyder, Elwin Winthrop*, pág.1202 -citado por Ruy Carlos de Camargo Vieira, em *Vida e Obras de Guilherme Stein Jr.* Tatui-SP, Casa Publicadora Brasileira, 1995, pág.132.
2. Vieira, Ruy Carlos de Camargo. Op. cit. Pág.132.
3. Idem, pág.146.
4. Christianini, Arnaldo B. *Casa Publicadora Brasileira é História*. Pág.8.
5. Peverini, Héctor J. *En Las Huellas de La Providencia*. Argentina, Asociacion Casa Editora Sudamericana, 1988, pág.75.
6. *História de Nossa Igreja*. Departamento de Educação da Associação Geral da IASD -1959, pág.311.
7. Westphal, F. H. *Desbravando o Continente Negligenciado* (Southern Publishing Association, Nashville, Tennessee, USA, 1927), pág.29 -citado por Ruy Carlos de Camargo Vieira. Op. cit. Pág.140.
8. Westphal, F. H. Op. cit. Págs.10-12 e 28 -citado por João Rabello, em *Revista Adventista*. Janeiro de 1995, pág.11.

A mensagem do evangelho, através de seu estabelecido institucional em Gaspar Alto, não conseguia fazer nenhum efeito naquele povo que vive sobre as montanhas. Os raios de luz da evangelização foram como a pedra se espalhando. As palavras comulgavam, os felicitos e livres desceram em a fazer sua parte.

Fritz Lagado Basso, Roberto Pacheco, nascido em Hohenheim, Alemanha, que viu falar que seu amigo Guilherme Stein e outras famílias estão se guardando o sábado.

- Sabe a que horas? É sábado que é a Gaspar Alto. Não é dar que o Guilherme e outros estão guardando o sábado. Eles estão com a cabeça caída e preciso ir la conduzir a cabeça deles.

Na sexta-feira seguinte, sábado, Roberto pegou seu chapéu e sua bengala, despediu-se de sua esposa Maria, e correu a pé para Gaspar Alto. Ambos eram pessoas literatas e não podiam acreditar nos seus amigos Guilherme e Roberto levar por tempo novas ideias carinhosas.

Depois de uma caminhada de cerca de três horas por um terreno muito Roberto chegou até a casa de seu amigo, Guilherme o recebeu gentilmente, viu-o um bom tempo bem escuro.

- Boa tarde, amigo Roberto. O que o traz até neste local?

- Boa tarde, senhor Stein. Foi a sua voz que me chamou a atenção, vindo assim de longe, e gostava de saber se você já tem um escravo e o seu filho.

- Não, amigo. Não tenho escravo. As palavras e o nome se ouvir bem quando vão tocando nos ouvidos do governador. Eu não arrumei assim pois vou receber Jesus. Hoje é sábado, o dia do Senhor.

Franco e o filho de Roberto quando

F instantaneamente por

CAPÍTULO 11

O DIA DO SENHOR

"Vocês são a luz do mundo todo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. Ninguém esconde uma lamparina para pôr debaixo de um cesto. Ao contrário, ela é colocada no lugar próprio para que ilumine todos os que estão na casa" (Mateus 5:14-15, BLH).

A mensagem adventista, embora tenha se estabelecido primeiramente em Gaspar Alto, não conseguiu ficar escondida naquele pequeno vale sobre as montanhas. Os raios de luz do evangelho foram pouco a pouco se espalhando. As pessoas comentavam, os folhetos e livros continuavam a fazer sua parte.

Em Lageado Baixo, Roberto Fuckner, nascido em Holstein, na Alemanha, ouviu falar que seu amigo Guilherme Belz e outras famílias estavam guardando o sábado.

- Sabe o quê, Maria? Eu tenho que ir a Gaspar Alto. Ouvi falar que o Guilherme e outros estão guardando o sábado. Eles estão com a cabeça virada e preciso ir lá endireitar a cabeça deles.

Na sexta-feira seguinte, à tarde, Roberto pegou seu chapéu e sua bengala, despediu-se de sua esposa Maria, e partiu a pé para Gaspar Alto. Ambos eram piedosos luteranos e não podiam permitir que seu amigo Guilherme se deixasse levar por "essas novas idéias estranhas".

Depois de uma caminhada de cerca de três horas por um estreito atalho, Roberto chegou até a casa de seu amigo. Guilherme o recebeu sorridente, vestindo um bonito terno escuro.

- Boa tarde, amigo Roberto! O que o traz até minha casa?

- Boa tarde, Guilherme. Por acaso você vai a algum casamento, vestido assim de terno e gravata? -pergunta Roberto, sem esconder a estranheza.

- Não, amigo. -diz Belz calmamente- As pessoas costumam se vestir bem, quando vão receber um prefeito ou governador. Eu me arrumei assim pois vou receber Jesus. Hoje é sábado, o dia do Senhor.

Franzindo o cenho, Roberto responde:

- É justamente por isso que eu vim.

Os amigos entraram e conversaram quase a noite toda. Passaram-se o sábado e a manhã de domingo. À tarde, Roberto se despediu de Guilherme, e empreendeu a caminhada de volta a Lageado Baixo.

Quando já estava próximo de sua casa, seus amigos, num bar, o convidaram para jogar baralho e beber cachaça. "Não tenho tempo agora", foi a resposta do apressado alemão. Chegando em casa, tira o chapéu, guarda a bengala e senta-se à mesa. Sua esposa aguarda curiosa uma palavra do marido. Roberto, sério, começa a comer em silêncio. Maria não se contém.

- Como é, Roberto? Nem me conta nada! Endireitaste a cabeça do Guilherme?

Roberto levanta o rosto, encara a esposa e responde com convicção:

- Não, Maria. O que eu descobri é que, se nós queremos praticar a verdade, temos que guardar o sábado também!

- O quê!? - Maria arregala os olhos - Em vez de tu endireitares a cabeça deles, eles viraram a tua?

- Não, Maria. Vai buscar a tua Bíblia. - Roberto tira do bolso da camisa um papel rabiscado - Eu tenho marcadas aqui as passagens.

Maria vai até o quarto e traz a velha Bíblia que já havia sido de sua mãe, na Alemanha.

- Agora encontre o texto de Eclesiástes 12, versículo 13.

- Aqui está. - diz Maria, segundos depois.

- Então, leia.

- "De tudo o que se tem ouvido, o fim é: teme a Deus e guarda os Seus mandamentos, porque este é o dever de todo homem".

- Veja, Maria, aí diz "todo homem". Portanto, os mandamentos não são só para o povo judeu, como nos haviam ensinado. Agora leia Êxodo, capítulo 31, verso 18.

- "E deu a Moisés (quando acabou de falar com ele no monte Sinai) as duas tábuas do testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus".

- Veja só a importância da lei! Deus próprio a escreveu com Seu dedo em tábuas de pedra...

- Mas o que isto tem a ver com o sábado, Roberto? - interrompe Maria, já quase impaciente.

- Leia o quarto mandamento em Êxodo 20: 8 a 11. - diz Roberto, apontando a mão para a Bíblia aberta diante de Maria.

- Está bem. Aqui está: "Lembra-te do dia de sábado para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus..."

- Maria levanta os olhos sem terminar de ler o texto e exclama - Roberto, como pode!? Toda a vida nós lemos a Bíblia e nunca notamos isto!

- Não estás vendo, agora? Não achas também que, se queremos praticar o que está na Palavra de Deus, temos que guardar o sábado?

Roberto toma a Bíblia das mãos de Maria e lê outras passagens. "...Até que o céu e a terra passem, nem um jota ou til se omitirá da lei..." (Mateus 5:18); "Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos" (Mateus 19:17); "E, chegando a Nazaré, onde fora criado, [Jesus] entrou num dia de sábado, segundo o Seu costume, na sinagoga..." (Lucas 4:16); "E as mulheres que tinham vindo com Ele da Galiléia... no sábado repousaram conforme o mandamento" (Lucas 23:55-56); "E santificai os Meus sábados e servirão de sinal entre Mim e vós" (Ezequiel 20:20); "...Qualquer que guardar toda a

lei e tropeçar em um só ponto tornou-se culpado de todos" (Tiago 2:10); "Se Me amardes, guardareis os Meus mandamentos" (João 14:15).

O casal continuou estudando a Bíblia. Roberto visitou Guilherme mais umas duas ou três vezes, quando finalmente decidiu-se guardar o sábado, e a ser um novo proclamador desta mensagem. Em pouco tempo as famílias Pollhein e Zabel já estavam unidas aos Fuckner, professando a mesma fé.

No ano de 1898, o grupo de adventistas se reunia na sala da casa dos Fuckner, e as músicas que cantavam aos sábados eram ouvidas por alguns vizinhos. Um deles era Carlos Zabel, com quem Roberto havia estudado a Bíblia em algumas ocasiões. "Que mal há em eu trabalhar no dia de sábado?" -justificava-se ele. "Lembre-se, Carlos" -dizia Roberto- "Eva também pensou em que mal havia em comer um simples fruto. O mal não está no ato em si, mas na desobediência à vontade de Deus. É nas pequenas coisas que o Senhor testa Seus filhos". Mas Zabel não se rendia aos argumentos do amigo.

Numa manhã de sábado, Carlos estava trabalhando na roça de aipim, num terreno elevado, quando ouviu o grupo adventista entoando hinos do hinário luterano (único à disposição na época) *Singet Dem Herrn* ("Cantai ao Senhor"). Aquilo o comoveu. Carlos colocou a enxada sobre o ombro, desceu o morro e entrou em casa apressado. Sua esposa Alvina ficou surpresa.

- Já vieste da roça!? O que foi que aconteceu?

- Vai mudar de roupa, Mulher. Nós vamos lá na Escola Sabatina.

Os dois colocaram suas melhores roupas, foram até a casa dos Fuckner e dali para frente passaram a pertencer à Igreja Adventista do Sétimo Dia, que cada vez mais se desenvolvia em Lageado Baixo. Roberto Fuckner desempenhou a função de primeiro ancião do grupo, cargo que passou, posteriormente, a seu filho Oswaldo.

Oswaldo e Christina Fuckner tiveram 12 filhos, um dos quais (Luiz Lindolfo), iria tornar-se pastor. Christina dava aulas de alfabetização para as crianças da localidade e gostava de escrever poemas. Um deles, que transcrevemos abaixo, fala do surgimento da Igreja Adventista no Brasil.

Ó, Itajaí, porto glorioso!
Tão belo e maravilhoso,
Pois de todo o Brasil
És o porto mais gentil.

És o porto mais amado,
Mais bendito e sagrado.
De ti nos veio a salvação.
Louvamos-te de coração.

Por ti o Deus dos altos Céus
Mandou-nos mensagens Suas.
Um missionário ali passou
E revistas ali deixou.

Um senhor, um professor
Foi quem as revistas ali achou
Para Brusque as levou
E mais revistas encomendou.

Para uma venda as levou
E por bebidas as trocou
E com as compras embrulhadas,
A Gaspar Alto foram levadas.

Guilherme Belz foi o Senhor
Que a revista ali levou
A seus vizinhos convidou
E a Escritura examinou.

E mais revistas encomendaram;
Sempre mais as estudaram
E para o batismo preparado,
Um pastor foi convidado.

Ó, Brusque, tens um grande preço,
Pois do batismo és o berço.
Em ti foram batizados
Os primeiros candidatos.

A mensagem subiu a Lageado
Ali também foi aceita.
Mais tarde um grupo preparado
Foi em igreja organizado.

Em Gaspar Alto trabalharam;
Até um ginásio edificaram.
E jovens foram educados
Como missionários preparados.

Pastor John Lipke, o professor,
Foi quem aos jovens ensinou.
Estando bem preparados,
À Obra foram enviados.

A todos os Estados foi levado
O Evangelho aqui iniciado.
A verdade assim foi ensinada
E a lei de Deus observada.

Agora muitos crentes
De toda raça e toda a gente,
Clamam: "Jesus Cristo, vem
Nos levar à Jerusalém!"

Lá, naquela cidade linda,
Tão querida e tão infinda
Veremos o Senhor Jesus
Que por nós morreu na cruz.

Logo a Terra renovada
Sim, será nossa morada
E todos os sábados nos reuniremos
Nosso Redentor louvaremos.

Vinde, jovens companheiros,
Ao encontro de Jesus
Logo sempre viveremos
Com Jesus, na Sua luz.

(Original em alemão: Christina Fuckner. Tradução: Helga Nogueira)

CAPÍTULO 12

UM EXEMPLO DE FÉ

Mãos firmes nas rédeas. Os chicotes golpeiam os cavalos já ofegantes com a subida do morro que leva a Gaspar Alto. É noite e os dois cavaleiros mal conseguem ver o estreito caminho. Mesmo assim, avançam determinados.

Adolfo Hort sempre teve fama de valentão. Desde que ouvira falar que um grupo de famílias havia formado uma nova "seita" em Braunchweig (Gaspar Alto), tomara a decisão de acabar com aquilo. Afinal, "religião de alemão é só a Luterana".

Convidou um amigo e cavalgaram até o local onde ficava a pequena igreja. Apearam dos cavalos e, de chicote em punho, estavam dispostos a invadir o templo e causar a maior confusão. De repente, Adolfo se detém.

- Espere um pouco... Ouça o que o pregador está dizendo!

No momento em que os dois espiam pela janela, alguém lê as palavras do livro de I João, capítulo um, verso 7: "Mas se andarmos na luz como Ele na luz está, temos comunhão uns com os outros e o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo pecado".

Adolfo olha para seu colega e diz:

- Isto me impressionou. Vamos embora.

Adolfo Hort era apenas um garotinho quando o pacote de revistas adventistas procedente dos Estados Unidos foi aberto diante de seus olhos curiosos. Seu pai Davi Hort não se interessou pelo conteúdo da revista que ganhara de Carlos Dreefke e deu-a à esposa Anna Dorothea. Aparentemente a Mensagem Adventista não havia chamado a atenção da família Hort. Dorothea ficara impressionada com a grande enchente de 1880, interpretando-a como um dos sinais do fim do mundo. Mas isso fora tudo.

Adolfo agora já tinha 27 anos e estava casado com Ema Hort. Ema era filha de imigrantes alemães muito pobres. Para sobreviver, trabalhava como doméstica para os Hort. Ali conheceu Adolfo. Apaixonaram-se e casaram.

Depois do incidente em Gaspar Alto, Adolfo começou a pensar mais seriamente nas coisas que ouvira falar sobre os adventistas. Dirigiu-se até o pastor luterano de Brusque e pediu explicações, recebendo a promessa de que no domingo, durante o culto, seria explicada a questão do sábado.

Adolfo e Ema sentaram-se na primeira fileira de bancos da igreja luterana, especialmente atentos naquela manhã de domingo. Após alguns cânticos, o pastor dirigiu-se ao púlpito e começou a falar.

- Prezados irmãos, têm surgido em nosso meio algumas dúvidas doutrinárias, devido a existência dos tais adventistas do sétimo dia em nossa região. Primeiramente, é

preciso deixar claro que a Bíblia realmente apresenta o sábado como dia santificado por Deus. Só que nós já estamos tão acostumados com o domingo, que continuaremos a observá-lo.

Adolfo inquietou-se. Mal conseguiu prestar atenção ao resto do sermão. Ao voltarem para casa, comentou com a esposa:

- Ema, você escutou bem o que o pastor disse?

- Sim, escutei.

- Pois então. Se o domingo é apenas uma tradição, creio que devemos guardar o sábado como os adventistas.

Adolfo e Ema, dali em diante, tornaram-se observadores do sábado, embora ainda não se reunissem com os adventistas. Estudavam a Bíblia até altas horas da noite, à luz de lâmpíões de querosene. Foi então que começaram as perseguições por parte da família.

Os irmãos de Adolfo atiravam pedras nas vidraças da casa enquanto ele estudava a Bíblia. Uma cunhada chegou a dizer que preferia criar criminosos a viver com adventistas. Anos mais tarde, os filhos desta mesma cunhada assassinaram uma pessoa.

Como nesta época Davi Hort já havia falecido, Anna Dorothéa foi morar com o filho Adolfo. Não suportando mais a pressão dos familiares, Adolfo, esposa e mãe mudaram-se para Blumenau. Naquela cidade Anna se converteu e os três foram batizados.

Viveram cerca de 20 anos em Blumenau. Por volta de 1915 mudaram-se para Jaraguá do Sul. Com os filhos Carlos, Germano, Bertoldo, Elizabeth, Leonida, Arthur, Carolina, Erica e Augusta, mais algumas outras pessoas, o casal Hort fundou a primeira igreja adventista em Jaraguá do Sul, fechada alguns anos depois devido à mudança da família para Corupá.

Em Corupá (distante uns 35 quilômetros de Jaraguá), Adolfo trabalhava como carpinteiro e ajudou a construir, na década de 30, a primeira igreja adventista da cidade. Sobre essa época, sua neta Marta N. Hort Rocha (hoje com 60 anos), filha de Arthur Hort, conta muitas histórias.

Certa ocasião, Adolfo estava trabalhando sobre o telhado de um paiol. Pediu água à sua neta Marta que, instantes depois, já estava com uma caneca cheia nas mãos. Adolfo pediu que a menina lhe alcançasse a caneca. Vendo o esforço da filha, erguendo os bracinhos para cima com a água, Arthur diz:

- Ah, mas, assim, nem que nós te ergamos, tu não consegues alcançar!

- Então me ajuda, papai.

- Não, netinha. Quero que você traga a água para mim. Sobe nesta escada. - diz Adolfo, apontando para uma escada de madeira que, do ponto de vista da pequena Marta, era enorme.

Como sempre teve medo de altura, Marta sobe a escada com todo cuidado, aos olhos do pai Arthur.

- Você está com medo, netinha? - pergunta Adolfo sorrindo. - A menina diz que sim, balançando a cabeça, sem olhar para baixo.

- É, mas é bom você aprender a não ter medo, pois para irmos para o Céu, temos que subir de degrau em degrau na escada da santificação.

Tirar lições espirituais de coisas do cotidiano era prática comum para Adolfo. Em outras ocasiões, escondia uma das bonecas de sua neta Marta, ajudando-a, depois, a procurá-la. Minutos depois, graças às pequenas pistas do avô, os dois encontravam o brinquedo e Adolfo fazia uma "festa". Em seguida, colocando a criança no colo dizia:

- Assim é com a Palavra de Deus. Temos que procurar, procurar e procurar sempre mais. E sempre encontraremos coisas novas para nos ajudar no preparo para a volta de Jesus.

A fé de Adolfo era surpreendente. Certa vez, enquanto visitava seus parentes em Brusque, conversou com uma de suas sobrinhas que estava grávida. Ema era filha de Carlos Hort e disse a Adolfo que uma benzedeira "profetizara" que ela não sobreviveria ao parto. Adolfo convidou-a a fazer uma oração e disse que "em nome de Jesus, Ema não morreria". Ema passou bem e nasceram-lhe duas gêmeas perfeitamente saudáveis: Elvira e Milita. Posteriormente, as duas tornaram-se adventistas. Elvira casou-se com Arthur Sartotti e tiveram um filho, o Pastor Orlando Sartotti.

Sentindo o peso da idade e tendo todos os filhos já casados, Adolfo voltou com a esposa para Jaraguá do Sul. Ali morou com o filho Bertoldo até falecer no dia nove de fevereiro de 1944. Sua esposa Ema faleceu dois anos e meio depois.

Enquanto morou em Jaraguá, Adolfo Hort ajudou a cuidar da marcenaria de seu filho. Nas horas vagas, tratava das doenças de alguns vizinhos, pois adquirira um bom conhecimento de tratamentos naturais através de livros em alemão. Chegou até a realizar uma cirurgia de raspagem de osso infeccionado no pé de sua nora. Ela ficou, depois disso, completamente curada.

Nos últimos momentos, antes de falecer, Adolfo pediu que chamassem seus filhos Bertoldo e Carlos para que tocassem um hino ao violino. Os dois e alguns outros parentes circundaram a cama do velho pai. Adolfo sabia que estava morrendo. Deu a mão para cada filho e se despediu deles. Ao chegar a vez de Ema, disse ternamente:

- Não chore, querida. Eu vou dormir* só um pouquinho, porque logo Jesus vai voltar. Logo estaremos juntos novamente.

Dizendo isso, Adolfo ergueu uma das mãos e pediu que sua esposa juntasse a mão esquerda, paralisada, à direita, para que ele pudesse orar. Terminada a oração, Adolfo fechou os olhos. E morreu serenamente.

"Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará (...) Dar-lhe-ei abundância de dias, e lhe mostrarei a Minha salvação" (versos do Salmo 91, o preferido por Adolfo Hort).

(*) Baseados em textos como João 11:11-14, 43, 44; Marcos 5:39; Eclesiastes 9:5-6; Salmo 146:4; Jó 14:1,2,7,10-12; João 6:40; I Coríntios 15:20-23; I Tessalonicenses 4:12-17 e outros, os adventistas crêem que os "mortos em Cristo" aguardam como que dormindo, inconscientes, a segunda vinda de Jesus a esta Terra, quando serão, então, ressuscitados para a vida eterna.

CAPÍTULO 13

A PASSOS LARGOS

A Obra Adventista iniciada em Gaspar Alto e, quase simultaneamente, em outras partes do Brasil, avançou a passos largos. Na igreja de Gaspar Alto foi estabelecida, em 1898, a primeira escola missionária adventista brasileira, iniciada por Guilherme Stein Jr. Dela saíram colportores, professores e alguns pastores que, "unidos no mesmo ideal, trabalharam em regiões diversas espalhando a Mensagem Adventista pelo Brasil afora".¹

Por volta do ano de 1900 -quatro anos depois da sua fundação- a igreja de Gaspar Alto já tinha mais de cem membros. O aumento crescente de interessados e novos convertidos, principalmente nos estados sulinos, no Espírito Santo e Rio de Janeiro, levou a Associação Geral a providenciar um pastor efetivo para o Brasil: Huldreich F. Graf.

H. F. Graf chegou ao Rio de Janeiro em quatro de outubro de 1895. Durante 12 anos trabalharia como evangelista, assumindo depois a presidência da Missão Brasileira e da Associação Rio Grandense.²

Seus trabalhos como pastor lhe custavam longas e contínuas viagens. Os caminhos naquele tempo eram pouco conhecidos e difíceis, e os meios de locomoção mais rápidos e seguros eram o cavalo, a mula ou o burro. Sobre sua viagem mais longa escreveu um livro chamado *Cem Dias no Lombo de Uma Mula*. Foi nesta viagem que o Pastor Graf encontrou a família Kumpel na região de Passo Fundo. Ali o ficou durante onze dias e batizou 40 pessoas, dentre as quais os cinco filhos do casal Guilherme e Helena Kumpel, pioneiros da Obra Adventista no Rio Grande do Sul. Calcula-se que o Pastor Graf tenha viajado, durante seus 12 anos de ministério, cerca de 25 mil quilômetros em cima de burro. Mais que meia volta ao mundo pela linha do Equador!

Em certa ocasião, viajava pela região de Taquari (RS), em busca de alguns crentes. À tarde percorria um caminho aberto em um bosque, quando a mula desviou para a esquerda por um caminho estreito. O Pastor Graf tentou fazer o animal voltar ao caminho principal, sem sucesso. Conformado, disse ao animal:

- Eu não quero ser como Balaão. Vá por onde Deus te guiar.

Depois de mais ou menos uma hora, chegou à casa de um colono.

- Vim aqui por que a mula me indicou este caminho. Sou um missionário adventista e penso que Deus me guiou à sua casa com algum propósito.

- Graças a Deus! - responde o colono entusiasmado- Faz quase dois anos que estamos pedindo ao Senhor que nos envie um missionário adventista!

O Pastor Graf ficou três dias naquela casa, ao final dos quais realizou o batismo da família. Mais tarde organizou-se ali uma igreja.

Noutra ocasião -relata Héctor Peverini- H. F. Graf viajava perto da cidade de Cachoeira do Sul acompanhado por outro missionário. De repente, começou uma tormenta que obrigou os dois a se refugiarem num bar. Os homens que estavam bebendo, ao notar que os dois eram missionários, começaram a çaoar de Deus e da religião. O Pastor Graf os repreendeu suavemente:

- Meus amigos, vocês não deviam falar assim do Deus dos Céus.

- Se há um Deus no Céu, -diz arrogantemente um homem com uma garrafa de cachaça numa das mãos e um cigarro de palha apagado na outra- quero ver Ele acender o meu cigarro.

Dizendo isso, estende a mão para fora da casa, no mesmo instante em que um raio o fulmina completamente.

Anos mais tarde, quando o Pastor Ernesto Roth dirigia uma série de conferências em Picada do Rio, muitas pessoas ainda recordavam do trágico incidente que inspirou respeito a Deus e a seus ministros. Mas as perseguições continuaram em outras regiões.

Certa ocasião, o Pastor Graf, auxiliado pelo Pastor Ernesto Schwantes, dirigia reuniões em uma tenda, próximo à cidade de Rolante (RS). Mas um caboclo da região não estava contente com o grande número de pessoas que participavam dos encontros. Empenhou-se em impedir o avanço da mensagem adventista. Numa quinta-feira à noite quis impedir a entrada do povo à tenda dizendo, aos gritos, que amarraria os missionários protestantes à cauda de um burro e os arrastaria pela colônia até acabar com eles.

Na noite do sábado seguinte, o homem foi a um baile. De repente, começou uma briga. Um tiroteio. E o caboclo acabou sendo atingido por várias balas no ventre. No hospital, antes de morrer, sussurrou: "Eu blasfemei contra Deus e contra os adventistas, por isso tenho que morrer tão miseravelmente".

"Foi exatamente em Rolante (Fazenda Passos) que surgiu uma das mais fortes igrejas, que produziu cerca de duas centenas de obreiros que ajudaram a levar a mensagem para todas as fronteiras do Brasil".³

H. F. Graf batizou mais de 1400 conversos e organizou mais de vinte igrejas durante seus doze anos de trabalho no Brasil. Pôs em marcha várias escolas, uma das quais foi a base do Instituto Adventista de Ensino (IAE) e contribuiu, também, para a criação da primeira casa editora do Brasil. Depois de retirar-se do trabalho por motivos de saúde e regressar aos EUA por algum tempo, voltou ao Brasil para passar aqui seus últimos anos de vida.

Outro homem que contribuiu grandemente para a consolidação da Obra Adventista no Brasil foi Frederick W. Spies. Spies chegou ao Brasil em 1896, um ano depois de H. F. Graf. Era norte-americano de origem alemã. Aceitou a fé adventista em 1888, aos 22 anos, e trabalhou quatro como colporteur. Foi enviado à Alemanha para dirigir a obra de colportagem naquele País, de onde foi chamado à América do Sul.

Trabalhou os primeiros anos como pastor nos estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Em 1900 foi transferido para Santa Catarina. Viajou, às vezes acompanhado por sua esposa, milhares de quilômetros neste Estado, como também no Paraná e

Rio Grande do Sul. Em 1903 foi para o Rio de Janeiro. Do ano de 1917 até 1923, foi presidente da União Sul Brasileira. O território se dividiu, então, em duas grandes unidades administrativas. Dirigiu também a União Este do ano de 1923 a 1927. De 27 a 32 foi gerente da Casa Publicadora Brasileira.

Spies foi um dos principais dirigentes do Movimento Adventista no Brasil durante suas três primeiras décadas. Foi também um dos pastores adventistas que mais viajaram pelo País nos tempos em que os meios de locomoção eram precários. Em um período de quatro anos percorreu 950 quilômetros por água, 800 de trem e 2700 em lombo de burro.

"Aqueles dias primitivos" - escreveu Spies na *Revista Mensal* de setembro de 1924- "requeriam sacrifícios de toda espécie: longas e penosas viagens em lombo de burro ou a cavalo, e a ausência de casa de dois a seis meses cada vez. Eram poucas as semanas passadas em casa em cada ano; porém, o trabalho não foi inútil... podemos exclamar: Quantas coisas tem feito Deus!"

A Mensagem Impressa

No Brasil, a Obra Adventista deve seu início e expansão, sem dúvida, à página impressa e ao trabalho dos colportores. Além do pioneiro A. B. Stauffer, dois irmãos colportores -Alberto e Frederico J. Berger- iniciaram no Rio Grande do Sul, em seis de agosto de 1895, o seu plano de vendas de literatura nas colônias alemãs. Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Espírito Santo também foram trabalhados por estes dois homens.

Segundo o Dr. Gideon de Oliveira, em artigo publicado no livro *História de Nossa Igreja*, "estes pioneiros da colportagem eram verdadeiros heróis que rasgavam o sertão em suas montarias, levando seus livros, vivendo intrepidamente cada dia as surpresas e os percalços da jornada aventureira -calor, fome, frio, chuva torrencial, lama, ventania. Muitas vezes dormindo ao relento e expostos a animais perigosos, mas não desanimavam em sua nobre missão".

Nas pegadas destes pioneiros, seguiram Henrique Tonjes, Germano Conrado, Emílio Froeming, Hans Mayr, Saturnino Mendes de Oliveira, Antônio L. Penha, José Negrão, André Gedrath e muitos outros que propagaram a Mensagem Adventista nos diversos cantos brasileiros.

A colportagem no Brasil começou a se desenvolver mais a partir do momento em que se passou a publicar literatura em português. Inicialmente foi impresso o *Arauto da Verdade*, periódico editado de 1900 a 1913; foi substituído depois pelo *Sinais dos Tempos*, até 1918, quando passou a ser publicada a revista *O Atalaia*.

Para melhor atender à obra de publicações, foi decidido o estabelecimento de uma editora denominacional no Brasil. Por sugestão do Pastor Graf, foi instalada junto à Escola Missionária de Taquari (RS). Assim, conseguiu-se economia de locação e proporcionou-se trabalho aos alunos do colégio.

A fim de conseguir dinheiro e um prelo para dar início às publicações, o Pastor John Lipke viajou aos Estados Unidos e, em várias igrejas daquele País, falou sobre as necessidades da Obra no Brasil. Seu apelo foi atendido: recebeu 1500 dólares em doativos, e o *Emmanuel Missionary College*, de Barrien Springs, doou um prelo manual para a imprensa a ser fundada em Taquari.

George Sabeff, que fora aos EUA estudar Medicina, ganhava seu sustento trabalhando na Sociedade Internacional de Tratados. Ouvindo o apelo de John Lipke, veio ao Brasil trazendo consigo o material necessário ao funcionamento da editora. Com sua experiência em tipografia, Sabeff montou o prelo, as instalações correspondentes e passou a fazer a composição das primeiras publicações, tendo Augusto Preuss como ajudante. Augusto Pages foi convidado para ser o gerente da Sociedade Internacional de Tratados do Brasil.

A editora de Taquari produziu a primeira edição do *Arauto da Verdade* em 10 de maio de 1905. Outros periódicos se seguiram: o *Advent Arbeiter, Rundschau der Adventisten*, para os adventistas alemães e, a partir de 1906, a *Revista Trimensal*, precursora da *Revista Mensal* (1908). A *Revista Adventista* começou a ser publicada em 1931. Um opúsculo de trinta e duas páginas, *A Segunda Vinda de Cristo*, foi a primeira obra impressa; o primeiro livro foi *A Vinda Gloriosa de Cristo*.

No final do ano 1907, a tipografia mudou-se para São Bernardo (hoje Santo André -SP), num local onde viria a funcionar a Casa Publicadora Brasileira, até ser transferida para Tatui, onde se encontra hoje. São Bernardo, por ser mais central, facilitava o transporte e a divulgação da literatura nos vários estados. Em 1908, chegaram dois prelos movidos com motor à gasolina, acelerando a produção. Mas, mesmo assim, o trabalho não era nada fácil pois "cada um tinha que, além de redigir, incumbir-se de traduzir e providenciar as colaborações, também arrumar as ilustrações e incumbir-se de outras tarefas, hoje ao encargo do departamento de arte e diagramação, cuja ausência naquele tempo fazia muita falta, aumentando e dificultando muito nosso trabalho".⁴

Hoje a Igreja na Divisão Sul-Americana conta com os serviços de duas publicadoras. A Editora Sudamericana, em Buenos Aires, Argentina, é responsável pela literatura para os sete países de língua hispânica no continente. A Casa Publicadora Brasileira, em São Paulo, atende ao Brasil e a outros países de fala portuguesa. Num período de quatro anos (1990-1994), as duas editoras juntas consumiram mais de 13 mil toneladas de papel na confecção de livros, revistas e folhetos sobre religião, educação e saúde.⁵

A Obra Educacional

Onde chega a Mensagem Adventista logo surgem escolas e colégios. No Brasil não foi diferente. Já no ano de 1896, em Curitiba (PR), passou a funcionar o primeiro Educandário Adventista dirigido pelo professor Guilherme Stein Jr., auxiliado por Vicente Schmidt, chegando a alcançar uma matrícula de 120 alunos logo no primeiro ano de existência.

Em 15 de outubro de 1897, fundava-se a primeira Escola Missionária no Brasil, em Gaspar Alto, sob a direção do professor Guilherme Stein Jr., substituído em 1902 por John Lipke, a convite dos pastores Spies e Thurston.

O ensino era ministrado em alemão. De manhã funcionava o nível primário e à tarde o secundário. O edifício escolar estava dividido em duas partes, uma para a igreja e outra para as atividades do colégio. Em 1900, já dispunha de um dormitório para alunos internos. Funcionava como escola agroindustrial, como os demais colégios adventistas que posteriormente foram estabelecidos no Brasil. Os alunos trabalhavam 26

horas semanais e conseguiam assim pagar seus estípedios incluindo alojamento, pensão e estudo.⁶

W. H. Thurston apresentou à Conferência Geral, em 1900, um relatório sobre a escola de Gaspar Alto: "Nossa Escola Missionária está localizada a cerca de 13 quilômetros da cidade mais próxima, em um belo vale, pelo qual escoo um cristalino regato, e está circundada pela influência celestial de uma grande igreja. ...Temos 60 acres de terra, um dormitório para alojar adequadamente 40 alunos, e um edifício escolar, tudo já totalmente de nossa propriedade".⁷

A segunda Escola Missionária foi fundada em Taquari (RS) em agosto de 1903, tendo como diretor o professor Emilio Schenk. Em 1910 foi transferida para São Paulo, por sua melhor localização. Entre os alunos que estudaram nessa escola missionária estavam Leopoldo Preuss, Saturnino Mendes de Oliveira e José Amador dos Reis, o primeiro pastor brasileiro a ser ordenado ao ministério.

Em 1915 foi estabelecida a terceira Escola Missionária do Brasil, o Seminário Adventista, conhecido depois como Colégio Adventista Brasileiro (CAB) e, atualmente, Instituto Adventista Brasileiro (IAE). Seus fundadores foram John Lipke e J. H. Boehm. O primeiro professor foi Paulo Henning, que no dia quatro de agosto de 1915 ministrou a primeira aula a 12 alunos.

No final de 1994, segundo o relatório do então presidente da Divisão Sul-Americana, Pastor João Wolf, a Igreja Adventista na América do Sul já possuía 994 instituições de educação, entre escolas primárias, secundárias e universidades; 170.185 alunos e 8.504 professores.

No dia 3 de março de 1993, foi inaugurado o curso de Medicina da Universidade Del Plata, na Argentina. Esteve presente na solenidade o presidente Carlos Menem. Assim, a igreja passou a ter o seu terceiro curso de Medicina em todo o mundo.

A Obra Médico-Missionária

Paralelamente à pregação do evangelho e ao estabelecimento de escolas, o adventismo procura ensinar ao povo os princípios de uma vida mais sadia, à base de alimentos naturais e abstenção de tudo que seja prejudicial ao corpo.

Quando o Pastor Huldreich Graf chegou ao Brasil -em 1860- procurou ensinar a importância dos tratamentos naturais, chegou mesmo a ministrá-los, quando não havia outros recursos disponíveis.

Foi em 1900 que o Dr. Abel Gregory, médico e dentista norte-americano, veio ao Brasil como missionário voluntário, para auxiliar no desenvolvimento da Obra no Rio Grande do Sul. Através de seus serviços foram derrubados muitos preconceitos contra a Igreja Adventista.

Ernesto Bergold, impressionado com os princípios de saúde adventistas, converteu-se ao adventismo e decidiu manter por conta própria um hospital para administração de hidroterapia e tratamentos naturais, em Taquara (RS). O estabelecimento funcionou até 1928, no local onde hoje se encontra o Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS).

O trabalho de assistência social aos povos do sertão e aos índios Carajás, na Missão do Rio Araguaia, foi prestado em parte pelo Pastor A. N. Allen em 1928. Maior impulso, contudo, foi dado a este setor a partir do ano de 1953, quando foi inaugu-

rada a lancha *Pioneira*, pilotada pelo enfermeiro-missionário Lair Montebelo. Só no setor de Araguacema, em quatro anos de atividade, foram atendidas mais de 23 mil pessoas com tratamentos, instruções e medicamentos; aplicaram-se sete mil injeções e extraíram-se dois mil dentes.

No vasto Amazonas, uma lancha médico-missionária -*Luzeiro I*- pilotada pelo missionário Leo B. Halliwell e sua esposa Jessie, possibilitou também a execução de um grande trabalho filantrópico na região banhada pelo Rio Amazonas e seus afluentes. O Pastor Halliwell e sua esposa, a partir de 1931, dedicaram 25 anos ao trabalho entre os habitantes carentes do Vale do Amazonas. Atenderam a 250 mil pessoas, muitas das quais se converteram ao adventismo.

Não havia ainda Igreja Adventista quando Leo e Jessie foram trabalhar no Rio Amazonas. Em 1956, porém, já havia 22 igrejas, 56 escolas sabatinas, três mil membros batizados, 15 escolas elementares, 15 professores que ensinavam cerca de mil alunos, um hospital, dois médicos e enfermeiras, 15 pastores e evangelistas.

Em 1959 já eram quatro *Luzeiro* servindo no Vale do Amazonas e outra lancha atendendo aos habitantes próximos ao Rio Parnaíba, na divisa do Maranhão com o Piauí.

Em 1946, no Rio São Francisco, a lancha *Luminar*, por 10 anos pilotada pelo Pastor Paulo Seidl, prestou assistência a cerca de 46 mil doentes nos Estados da Bahia e Minas Gerais. Quase na mesma época, Benito Ribeiro atendia as populações pobres e doentes do Vale do Rio Ribeira, em São Paulo, com a lancha *Samaritana*.

Atualmente, a Igreja Adventista conta com 25 instituições de saúde, 1004 leitos e 3862 obreiros e funcionários. Em quatro anos (90-94) foram atendidos mais de 200 mil pacientes, que tomaram conhecimento dos princípios de saúde adventistas.

Por 18 anos, a Igreja promove o *Dia Sem Fumar e Sem Beber*. Este programa foi iniciado no Chile, pelos jovens da Igreja, espalhando-se por toda a Divisão. Milhares de jovens, Desbravadores (espécie de clube de escoteiros da Igreja) e alunos das Escolas Adventistas saem às ruas neste dia convidando o povo a não fumar e não beber, expondo os males desses vícios.

Além disso, as Escolas de Recuperação de Alcoólatras, os Cursos Como Deixar de Fumar e Beber, palestras sobre saúde e outras "tem ajudado milhares de pessoas a vencerem o vício (...) e aceitarem a Cristo como seu Salvador Pessoal".⁸

"Por alguns anos, os cientistas têm-se interessado em estudar a saúde dos adventistas (...) Por mais de cem anos os adventistas têm insistido na importância da saúde e da dieta, e da necessidade de moderação na ingestão de alimentos ricos em açúcar e gordura saturada (...) Em quase todas as doenças de importância, os adventistas estão muito abaixo da média no que diz respeito ao risco. Algumas diferenças são surpreendentes, como por exemplo, na enorme redução do risco do infarto do miocárdio para homens, que cuidadosamente seguem as idéias de saúde de sua Igreja (...) Nas informações obtidas... podemos observar que um homem adventista, cuja idade esteja entre 35 e 40 anos, na Califórnia, pode esperar viver seis anos mais do que seu companheiro mediano. E ele não apenas vai viver mais, provavelmente vai viver melhor durante esse

período (...) Essa melhora, em expectativa de vida, é maior do que todos os esforços em saúde pública conseguiram junto à população nos últimos setenta anos”.⁹

“Ao recapitular a nossa história passada, havendo revisado cada passo do progresso até ao nosso nível atual, posso dizer: louvado seja Deus! Ao ver o que Deus tem obrado, encho-me de admiração e de confiança na liderança de Cristo. Nada temos para recear quanto ao futuro, a menos que nos esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado”

(Ellen G. White, Testemunhos Seletos, Vol.III, pág.443).

pág.142

1. Mendel David “Orçãos e Relatos dos Adventistas no Rio Grande do Sul”, *Revista Adventista*, janeiro/94

4. Waldvogel, Luiz. *Memórias do Rio Grande*, Casa Publicadora Brasileira, 1988, pags.142 e 143

5. Dados estatísticos: *Relatório do Pastor João Wolff sobre as atividades da Igreja Sul-Americana da IASD no município 1970-94. Revista Adventista*, junho/95, pags.1-23

6. *Populacões Urbanas I. En Las Ciudades de La Provincia Argentina. Adrestracion y Censos Urbanos. Situacion Demografica*, pág.108

7. *General Conference Bulletin*, Vol.IV, sexta numero 5, 1st Quarter, 1901, pág.121 - consulto por Ruth Calkins de Camargo Vieira, Cp. cit., pág.121

8. *Relatório do Pastor João Wolff sobre as atividades da Igreja Sul-Americana de 1970 ao presente no 1992-94. Revista Adventista*, junho/94, pág.9

9. *Relatório de Maria, Instituto Adventista de Estatísticas em Saúde. São Paulo*, 1997, pág.1-14

Referências:

1. *História de Nossa Igreja*. Departamento de Educação da Associação Geral da IASD -1959, pág.312.
2. *Seventh-Day Adventist Encyclopedia*, verbete Graf, Huldreich F., pag 473 -citado por Ruy Carlos de Camargo Vieira em *Vida e Obras de Guilherme Stein Jr.* Tatui-SP, Casa Publicadora Brasileira, 1995, pág.142.
3. Moróz, David. "Origem e História dos Adventistas no Rio Grande do Sul", *Revista Adventista*, Janeiro/94, pág.35.
4. Waldvogel, Luiz. *Memórias do Tio Luiz*. Tatui-SP, Casa Publicadora Brasileira, 1988, págs.142 e 143.
5. Dados obtidos do relatório do Pastor João Wolff sobre as atividades da Divisão Sul-Americana da IASD no quinquênio 1990-94, *Revista Adventista*, junho/95, págs.7 e 8.
6. Peverine, Héctor J. *En Las Huellas de La Providencia*. Argentina. Asociacion Casa Editora Sudamericana, 1988, pag.108.
7. *General Conference Bulletin*, Vol.IV, extra numero 5, 1st. Quarter, 1901, pág.121 -citado por Ruy Carlos de Camargo Vieira, Op. cit., pág.155.
8. Relatório do Pastor João Wolff sobre as atividades da Divisão Sul-Americana da IASD no quinquênio 1990-94, *Revista Adventista*, junho/95, pág.9.
9. *Seis Anos a Mais*. Instituto Adventista de Estudos em Saúde. São Paulo, 1988, págs.4, 5 e 6.

Desfalecidos de conhecimentos, estes jovens misturavam-se ao povo no grupo de interessados na Palavra de Deus. Quando encontravam alguma verdade no reino da Bíblia alguma porção das Escrituras, iam, explicavam e vendiam. "Deixa mostra, que exemplo de jovens entusiasmados pelo maior dos ideais, a cruz de Cristo, e indubitáveis pelo divino Jesus, preparas o solo de onde brotaria a semente da Reforma cristã do século XVII".

Muitos séculos antes, outros jovens também se dedicaram por sua coragem e fidelidade a Deus. Foram Daniel e seus amigos hebreus. Outros, os judeus Babilônios, estes hebreus foram submetidos a muitas provas. "Daniel foi submetido as mais severas tentações que podem assaltar os jovens de hoje, contudo, foi leal para com a instituição religiosa criada na infância, ele estava cercado por influências que subverteriam aqueles que vacilassem entre o princípio e a inclinação. Ele viveu, a Palavra de Deus o apresenta como um caráter inapreciável... Ele fez de Deus a sua força e o Senhor do Senhor estava continuamente firme dele em todos os acontecimentos de sua vida".

Centralia, não fabricadamos canções todo o seu reino para reverenciar uma grande criatura de ouro. Diante da majestosa imagem todos se prosternam e adoram-na. Todavia, em meio a multidão, três pessoas se destacam, pois permanecem de pé. Sadrac, Mesaque e Abade-Nego, os amigos de Daniel, severamente incomodados, os três jovens são lembrados pelo rei que, se não se prosternem, serão jogados numa fornalha ardente. A resposta dos três é clara: "Fica sabendo o rei, que não serviremos a teu deuses nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste" (Daniel 3:18). Que mensagem! Que três hebreus possuíam ganância científica. O verdadeiro propósito cristão não para além de pensar as consequências. Não pergunta: "Que pena ou praga se eu fizer isto?" ou "Quanto afetará meus planos, se eu fizer aquilo?" Com o

EPILOGO

Deus sempre teve Seu povo fiel em todos os tempos. Durante a longa noite de trevas espirituais da Idade Média, manteve Seus fiéis guardadores da chama da Verdade.

Os Valdenses, organizados por Pedro Valdo em 1173, foram os guardiões desta "chama sagrada". Opondo-se aos erros e tradições da Igreja oficial e seguindo fielmente as Escrituras Sagradas, atraíram sobre si as maiores perseguições. Chegaram a ser excomungados pelo Papa em 1181. Foram obrigados a dispersarem-se por todo o continente europeu, estabelecendo-se, a partir do século XIII, nos Vales do Piemonte.

Ali, nesses vales, os jovens valdenses estudavam e se preparavam copiando grandes porções das Escrituras. Depois, saíam a espalhá-las nas cidades e nos campos. "Dos que se preparavam para serem ministros exigia-se um estágio de três anos colportando [do francês *colporteur*, que significa levar ao pescoço, devido ao costume dos valdenses de levar os escritos sagrados debaixo da roupa ou numa bolsa que pendia do pescoço]."

Disfarçados de comerciantes, estes jovens misturavam-se ao povo em busca de interessados na Palavra de Deus. Quando encontravam algum, tiravam de baixo da roupa alguma porção das Escrituras, liam, explicavam e vendiam. "Dessa maneira, esse exército de jovens motivados pelo maior dos ideais, a cruz de Cristo, e liderados pelo próprio Jesus, preparou o solo de onde brotaria a semente da Reforma cristã do século XVI".²

Muitos séculos antes, outros jovens também se destacaram por sua coragem e fidelidade a Deus. Foram Daniel e seus amigos hebreus. Cativos na pagã Babilônia, estes hebreus foram submetidos a muitas provas. "Daniel foi submetido às mais severas tentações que podem assaltar os jovens de hoje; contudo, foi leal para com a instrução religiosa recebida na infância. Ele estava cercado por influências que subverteriam aqueles que vacilassem entre o princípio e a inclinação; todavia, a Palavra de Deus o apresenta como um caráter irrepreensível... Ele fazia de Deus a sua força e o temor do Senhor estava continuamente diante dele em todos os acontecimentos de sua vida".³

Certo dia, o rei Nabucodonosor convoca todo o seu reino para reverenciar uma grande estátua de ouro. Diante da majestosa imagem todos se prostram e adoram-na. Todavia, em meio à multidão, três pessoas se destacam, pois permanecem de pé: Sadrace, Mesaque e Abede-Nego, os amigos de Daniel. Severamente repreendidos, os três jovens são lembrados pelo rei que, se não se prostrarem, serão jogados numa fornalha ardente. A resposta dos três é clara: "Fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste" (Daniel 3:18). Que coragem! Que fé! "Esses três hebreus possuíam genuína santificação. O verdadeiro princípio cristão não pára a fim de pesar as conseqüências. Não pergunta: 'Que pensará o povo se eu fizer isto?' ou 'Quanto afetará meus planos, se eu fizer aquilo?' Com o

mais intenso anseio os filhos de Deus desejam saber o que Ele quer que façam, para que suas obras O glorifiquem".⁴

No século XIX, outros jovens se destacaram igualmente por sua coragem. Tiago White começou a pregar o segundo advento no ano de 1842, com a idade de 21 anos; John N. Andrews iniciou sua carreira de pregador aos 14 anos e, aos 21, já era um profícuo escritor; John Loughborough era conhecido como o "pregador adolescente" aos 17 anos; Uriah Smith, aos 21 anos, foi indicado para ser o redator da Editora Adventista nos Estados Unidos; Ellen G. White iniciou seu ministério aos 17 anos e, por mais de 70, dedicou-se a pregar. Ellen, na ocasião de seu chamado por Deus, tinha apenas o terceiro ano primário e era uma jovem muito frágil, devido às doenças e dificuldades pelas quais havia passado na infância. Mas não olhou para suas limitações, e sim para o que poderia fazer por Deus, pois "o Senhor não chama apenas os capacitados, mas é fiel em capacitar aos que chama".

Em uma de minhas pesquisas em Gaspar Alto, tive a oportunidade de conhecer o "Cemitério da Esperança". Lá, enquanto caminhava por entre os túmulos dos pioneiros, um hino me veio à mente:

*Quanta emoção, prazer nos traz
Só o lembrar a antiga fé
Que inspirou os nossos pais
Ante a dor e a morte até.*

Muitos pioneiros da Obra Adventista no Brasil estão enterrados neste cemitério. Ao lado do túmulo do Pastor Gustavo Storch existe um outro com a placa: "O Pioneiro". É o túmulo de Guilherme Belz. Fico, então, imaginando o dia maravilhoso da volta de Cristo, quando estas valorosas pessoas forem chamadas de volta à vida e tomarem conhecimento do quanto seu trabalho frutificou e que seu esforço não foi "vão no Senhor" (I Coríntios 15:58).

É claro que de nada adiantaria falar de homens e mulheres que colocaram suas vidas nas mãos de Deus e tudo fizeram por Sua Obra, se isso não nos fizesse ver que esta missão está agora sobre nossos ombros. Precisamos compreender a sagrada responsabilidade que temos por adotar o nome de Adventistas do Sétimo Dia e termos, agora, a "tocha da Verdade" em nossas mãos.

Avançemos com fé, confiantes de que "o Deus de Israel ainda está guiando o Seu povo, e continuará cont eles até o fim".⁵ E aguardemos a "bem aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo" (Tito 2:13). Amém!

Referências:

1. Chajj, Nicolas. *O Colportor de Êxito*. Tatuí-SP, Casa Publicadora Brasileira, quarta edição, 1992, pág. 25.
2. Reis, Denilson dos. "Como Tochas Ardentes", *Revista Adventista*, julho/93, pág. 35.
3. White, Ellen G. *Santificação*. Tatuí-SP, Casa Publicadora Brasileira, sétima edição, 1988, págs. 21 e 22.
4. Idem, pág. 43.
5. White, Ellen G. *Testemunhos Seletos, Vol. III*. Tatuí-SP, Casa Publicadora Brasileira, quinta edição, 1985, pág. 439.